

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0  
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Produções Didático-Pedagógicas**

**2016**

**Vera Lucia Toniol Besson**

**Reflexões sobre a Inclusão Escolar dos Alunos com Transtornos  
do Espectro Autista - TEA.**

**MARINGÁ/PARANÁ**

**2016**

**Vera Lucia Toniol Besson**

**Reflexões sobre a Inclusão Escolar dos Alunos com Transtornos do Espectro Autista - TEA.**

Produção Didática apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – Governo do Estado do Paraná – SEED – Turma de 2016 – Área da Educação Especial, em parceria com a IES- Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Professora Dr.<sup>a</sup> Tânia dos Santos Alvarez da Silva.

**MARINGÁ/PARANÁ**

**2016**

## IDENTIFICAÇÃO

Título: A Inclusão Escolar dos Alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA).	
Autora	Vera Lucia Toniol Besson
Escola de Atuação	Colégio Estadual João XXIII
Município da escola	Maringá
Núcleo Regional de Educação	Maringá
Orientadora	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Tânia dos Santos Alvarez da Silva.
Instituição de Ensino Superior	Universidade Estadual de Maringá - UEM
Disciplina/Área (entrada no PDE)	Educação Especial
Produção Didático-pedagógica	Unidade Didática
Relação Interdisciplinar	Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Inglesa, Sociologia Filosofia, Arte, Educação Física, Física, Química, Educação Especial e Gestão escolar.
Público Alvo	Professores das diversas áreas que atuam na escola, pedagogas, equipe diretiva, agentes e a todos interessados da comunidade escolar.
Localização	Avenida Monteiro Lobato, Nº 695- Aeroporto, Maringá-Paraná.
Apresentação	Essa produção didática tem por tema a inclusão escolar do aluno com Transtornos do Espectro Autista e acontecerá por meio de estudos teóricos e bibliográficos. Os resultados do estudo serão socializados, com professores do Colégio Estadual João XXIII, em Maringá-PR, por meio de um curso de extensão. O curso enfatizará as condições que devem ser observadas para que haja a inclusão. O aluno com Transtornos do Espectro Autista precisa

	<p>pertencer ao ambiente escolar e sentir-se parte dele. O desconhecimento da comunidade escolar acerca das peculiaridades que envolvem o autismo pode trazer repúdio, intolerância, temor, preconceito e descompromisso, prejudicando a interação e o processo de inclusão escolar deste aluno. Assim, pretende-se oportunizar aos professores das diversas áreas de ensino, estudos e reflexões sobre a inclusão escolar dos alunos alvo da pesquisa. O objetivo da proposta é o de apresentar e discutir as particularidades do aluno com Transtornos do Espectro Autista. Espera-se como resultado dessa iniciativa, que os professores participantes do curso de extensão, bem como os demais professores da escola, sejam positivamente afetados pelo conhecimento oportunizado, de tal modo que possam ajustar sua prática pedagógica às necessidades educacionais especiais dos alunos em questão.</p>
<p>Palavras-chave (3 a 5 palavras)</p>	<p>Inclusão escolar; Transtornos do Espectro Autista; Intervenção Pedagógica Especializada.</p>

## 2- APRESENTAÇÃO

A produção desse material terá o formato de unidade didática, com o objetivo de abordar as estratégias de ação referentes ao Projeto de Intervenção pedagógica, a ser implementado na escola. O conteúdo apresentado é resultado de um trabalho de formação continuada propiciada pela Secretaria do Estado de Educação do Paraná (SEED), por meio do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), do governo do Estado do Paraná em parceria com a Universidade Estadual de Maringá (UEM).

A presente produção Didática tem por tema “Reflexões sobre a Inclusão escolar dos alunos com Transtornos do Espectro Autista - TEA”. Esse trabalho está relacionado com a minha prática docente na educação especial. Dessa forma tem se percebido alguns entraves na inclusão dos alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA), que impedem de fato sua inclusão no espaço escolar.

Embora haja o apoio do professor especializado em sala, a garantia da inclusão escolar dos alunos com Transtornos do Espectro Autista, se torna limitada em razão de diferentes variáveis que podem afetar suas possibilidades de interação social e de apropriação de novos conhecimentos. Todos os envolvidos com a escola devem conhecer as particularidades do aluno incluído, considerando-o como parte do processo educacional.

Essas particularidades envolvem dificuldades de socialização, comportamentos disruptivos, atraso na linguagem e comunicação. Conhecer as particularidades do aluno da educação especial possibilita maior aproximação entre equipe escolar e este aluno e, conseqüentemente, amplia as possibilidades de relacionamento entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor, promovendo ainda sua convivência social na família e na sociedade. Ao conhecer o aluno com Transtornos do Espectro Autista, os professores em cada disciplina poderão estabelecer junto com o professor especializado, estratégias de ações pedagógicas que promovam sua aprendizagem, as quais o aluno poderá corresponder.

Em alguns casos a inclusão do aluno com TEA, acontece de forma deficitária, por se considerar que esse aluno é de responsabilidade somente do professor especializado. Poucas vezes o aluno com TEA é reconhecido como sujeito no processo ensino-aprendizagem no contexto escolar. Alunos nessa condição frequentemente apresentam dificuldades no comportamento e incomodam o outro. O desconforto com o comportamento do aluno com TEA, por parte de profissionais da escola e de colegas de turma resulta, muitas vezes, da falta de conhecimento, daquilo que é particular e próprio da subjetividade de pessoas afetadas pelo TEA.

Para que haja inclusão, o aluno com Transtornos do Espectro Autista precisa pertencer ao ambiente escolar. O sentimento de pertencimento acontecerá a partir do momento em que todos o reconhecerem como parte integrante do processo educativo. Por outro lado, o desconhecimento pode trazer repúdio, temor, intolerância, preconceito e descompromisso, prejudicando a interação e o processo de inclusão escolar do aluno com Transtornos do Espectro Autista.

A escola se constitui em um espaço social que oferece para além do conhecimento sistematizado, trocas de experiências interativas e oportunidades de vivenciar momentos que muitas vezes são limitados fora deste ambiente. Desse modo, o pertencimento à comunidade escolar assume especial importância na vida

de todas as pessoas. Esse pertencimento é ainda mais importante e necessário, para os alunos que apresentam Transtornos do Espectro Autista.

Algumas famílias, por motivos diversos, não oportunizam vida social extra familiar ao seu filho com TEA, muitas vezes, pelas dificuldades na condução dessa iniciativa, ou pela falta de compreensão de suas necessidades e potencialidades. Desse modo, a escola representa uma oportunidade efetiva de aprendizado de convívio social para parte expressiva do alunado nessa condição.

É preciso que a escola se prepare para discussões que propiciem a inclusão escolar do aluno com Transtorno do Espectro Autista. O envolvimento dos profissionais da escola, em discussões sobre o aluno com TEA, cumpre o papel de permitir a esses profissionais investigar e criar meios para ampliar seus conhecimentos, frente à realidade destes alunos, que compõem o contexto escolar.

A organização das práticas educativas na escola poderá favorecer o processo ensino-aprendizagem dos alunos com Transtornos do Espectro Autista, bem como sua inclusão escolar. Essa organização precisa envolver o conhecimento das necessidades interativas, das possibilidades e limitações de cada aluno nesse aspecto. É preciso que a equipe escolar compreenda como ocorre o processo de interação social de alunos com TEA e como podem e devem intervir nesse processo.

Tecidas essas considerações nos perguntamos:

Conhecer as particularidades do aluno com Transtornos do Espectro Autista contribui, efetivamente, para o processo de sua inclusão escolar?

Buscando responder a essa pergunta, os conteúdos elencados na elaboração das estratégias de ações, para a intervenção pedagógica na escola, têm como finalidade oportunizar aos professores das diversas disciplinas, agentes, pedagogos e equipe diretiva, do Colégio João XXIII, no Município de Maringá, estudos e reflexões sobre a inclusão do aluno com Transtornos do Espectro Autista.

Para a apresentação do tema estudado, utilizou-se a pesquisa bibliográfica na abordagem qualitativa, tendo em vista o aprofundamento teórico em leituras sobre a temática desenvolvida. Ao iniciar a pesquisa sobre o tema, buscou-se a seleção de material de leitura, informações relacionadas ao estudo, anotações e fichamentos, atividades essenciais para o desenvolvimento do estudo bibliográfico segundo Severino (2000).

A discussão teórica que orienta as reflexões e discussões, nesse material de estudo, está baseada, sobretudo em leituras de KAJIHARA (2012 e 2014), MAZZOTA (2011), algumas POLÍTICAS PÚBLICAS, dentre outros autores.

### **3- MATERIAL DIDÁTICO**

“Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido”.

Rubem Alves.

Na organização dos estudos sobre o tema “Inclusão escolar dos alunos com Transtornos do Espectro Autista”, buscou-se sistematizar os conteúdos e as estratégias, oportunizando ao usuário do material conhecer as particularidades do aluno TEA, orientado teoricamente por autores que pesquisaram o tema.

Em sua parte inicial, esse estudo contempla um breve relato da história da Educação Especial que permite apresentar como eram tratadas e vistas as pessoas com deficiência. Neste primeiro momento também será apresentado a história dos estudos sobre o autismo, com destaque para os pesquisadores que deram início ao atendimento das pessoas autistas.

Num segundo momento serão abordadas as leis que amparam o atendimento dos alunos da educação especial, bem como os alunos com Transtornos do Espectro Autista. Será discutida a relevância da inclusão escolar de alunos TEA, com base na teoria de Vygotsky. Também serão apresentadas as modificações significativas que foram incluídas no DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) que caracterizam os alunos público alvo dessa pesquisa.

Em seguida, serão discutidos os avanços científicos como, os achados da Neuropsicologia do Autismo e por último serão apresentados relatos de experiências de pessoas com Transtornos do Espectro Autista que venceram as dificuldades encontradas no processo de inclusão escolar, de acordo com a realidade de sua vida.

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E DO ATENDIMENTO DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.**



Pessotti (1984) relata o tratamento dado às crianças com deficiência física e mental. Em Esparta, muito antes da idade média, as crianças que apresentavam certa limitação eram eliminadas ou abandonadas, pois não atendiam aos padrões da organização sociocultural da época, que eram os ideais atléticos. Com o início da doutrina cristã, marcada pela figura de Nicolau, bispo de Myra, no século IV do período cristão, passa a ver os deficientes de forma diferente. De acordo com as crenças, desse novo período, as pessoas com deficiência são dotadas de alma e por isso, são acolhidos em conventos e igrejas. Porém o cenário de discriminação ainda persistiu. Assim relata o autor.

Como para a mulher e o escravo, o cristianismo modifica o status do deficiente que, desde os primeiros séculos da propagação do cristianismo na Europa, passa de coisa a pessoa. Mas a igualdade de status moral ou teológico não corresponderá, até a época do iluminismo, a uma igualdade civil, de direitos (PESSOTTI, 1984, P. 04).

Neste contexto os deficientes, não mais abandonados, recebem alimentação de maneira segregada. Como forma de castigo são confinados, algemados num ambiente desconfortável, longe da sociedade que os considera como aqueles que incomodam e são inúteis (PESSOTTI, 1984).

Mazzota (2011) em suas pesquisas referentes à história da educação especial constatou que, o atendimento educacional voltado às pessoas com deficiência, era inexistente até o século XVIII, pois estas pessoas eram compreendidas como ligadas ao misticismo e ocultismo. A sociedade vivia uma realidade em que o conceito de diferenças individuais, estava distante de ser entendido e analisado. Também não havia base científica para o estudo dessas diferenças. O autor observa que algo desconhecido pode causar temor e, neste caso, a falta de conhecimento sobre a deficiência colaborou com a discriminação e marginalidade.

A própria religião, com toda sua força cultural, ao colocar o homem como “imagem e semelhança de Deus”, ser perfeito, inculcava a ideia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo “parecidos com Deus”, [...] eram postos à margem da condição humana (MAZZOTA, 2011, p.16).

Ainda neste sentido o autor acrescenta que os homens ao apresentar condições que impunham limites físicos ou mentais, eram excluídos das relações sociais. Em termos sociais aqui se faz uma reflexão sobre o que a sociedade

provocou e as consequências deste pensamento excludente, em relação aos deficientes. Gerando,

[...] um consenso social pessimista, fundamentado essencialmente na ideia de que a condição de “incapacitado”, “deficiente”, “inválido” é uma condição imutável, levou à completa omissão da sociedade em relação à organização de serviços para atender às necessidades individuais específicas dessa população. (MAZZOTA, 2011, P. 16).

Essa realidade perdurou até o século XVIII, pois neste período ainda não havia a busca pela igualdade e democracia. Algumas pessoas que representavam os deficientes, em busca de suprir suas necessidades e interesses, ou mesmo àqueles que se identificavam com suas causas, começaram a buscar conhecimentos e melhorias em favor dos deficientes. Ao iniciar na sociedade mudanças de valores, ideias e crenças, também para os deficientes eclodiram indivíduos entusiasmados para liderar e lutar por seus interesses. [...] “para sensibilizar, impulsionar, propor, organizar medidas para o atendimento às pessoas” excluídas da vida social naquela época. Na Europa surgiram as primeiras instituições voltadas para atender as peculiaridades das pessoas com diferenças físicas e mentais. Os Estados Unidos e Canadá adotaram medidas educacionais, de acordo com as mudanças de atitudes nos grupos sociais. Logo após, outros países fizeram o mesmo, dentre eles o Brasil (MAZZOTA, 2011, P.17).

Mazzota (2011, p.17) identificou alguns termos, que ainda hoje são utilizados, como forma de denominar o atendimento educacional dos deficientes como “[...] Pedagogia de Anormais, Pedagogia Teratológica, Pedagogia Curativa ou Terapêutica, Pedagogia da Assistência Social, Pedagogia Emendativa”. Até o final do século XIX a educação voltada às pessoas com deficiência, teve uma conotação assistencialista, terapêutica e foi até mesmo oferecida em abrigos.

Mazzota relata que o abade Charles M. Eppée em 1770, em Paris fundou a primeira instituição para surdos e passou a utilizar o método de ensino com o uso dos sinais. Na área da deficiência visual, foi fundado o Instituto Nacional dos Jovens Cegos, por Valentin Haüy, no ano de 1784 em Paris. Haüy desenvolveu um tipo de escrita que favoreceu a leitura para os cegos. Utilizava letras em relevo para assim ensinar. No ano de 1819, o oficial do exército Charles Barbier, deste mesmo país, para não chamar atenção dos inimigos nos campos de batalha, utilizou esse processo de escrita. Em 1829, ainda jovem, o estudante cego Louis Braille criou a escrita organizada com pontos em relevo atendendo as necessidades educacionais

dos cegos. Assim, ficou denominado como sistema de leitura e escrita em braile. Ainda, atualmente esse sistema é reconhecido como o melhor recurso, já desenvolvido para leitura e escrita dos cegos.

No início do século XIX, o médico Jean Marc Itard em seus trabalhos com os deficientes mentais, utilizou um método sistematizado que contribuiu para o tratamento do menino Vitor, com 12 anos de idade, encontrado na floresta chamada de Aveyron, no sul da França, em 1800. Deixado por seus pais neste local ainda pequeno, assim foi encontrado com hábitos selvagem. O médico aplicou o método no sentido de educar o garoto para viver em sociedade. Durante cinco anos, Itard realizou suas tentativas e no ano de 1801, em Paris publicou seus registros, os quais foram considerados como primeiro manual de educação para deficientes Mentais. Itard é reconhecido como o precursor da Educação Especial (MAZZOTA, 2011).

Seguin médico e aluno de Jean Itard, em 1846 publicou seu primeiro livro, em Paris. Depois emigrou para os Estados Unidos em 1907, onde publicou o segundo livro produzido para escola residencial. Outra educadora, que deu seguimento aos estudos de Itard e Seguin, e contribuiu com a área da educação especial foi a médica italiana Maria Montessori. “Montessori enfatizou a “autoeducação” pelo uso de materiais didáticos que incluíam, dentre outros, blocos encaixes, recortes, objetos coloridos e letras em relevo”. Esses estudos e a utilização destes recursos favoreceram o atendimento dos alunos com necessidades especiais. Como resultados dos avanços pedagógicos, progressivamente foram inauguradas escolas para atender pessoas surdas, cegas, com deficiência mental e física (MAZZOTA, 2011, P. 23).

Em seu relato sobre a história da educação especial, Mazzota (2011, p. 27) destaca que o atendimento aos deficientes no Brasil teve início no século XIX, e foi inspirado nas experiências da Europa e dos Estados Unidos. Nesse período, alguns educadores se interessaram em organizar serviços objetivando a inclusão de cegos, surdos, deficientes mentais e deficientes físicos na educação. . A despeito das iniciativas já destacadas, a “[...] inclusão da educação especial na política educacional brasileira vem a ocorrer somente no final dos anos de 1950 e início da década de 1960 do século XX”.

No Brasil, em 1854, foi criada a primeira escola para cegos, Imperial Instituto para meninos cegos (Benjamin Constant) no Rio de Janeiro. Em São Paulo foi

fundado “O hospício Velho” em 1862 com objetivo de afastar das ruas os tidos como loucos. Em 1874, na Bahia iniciaram os atendimentos no Hospital Psiquiátricos com os cuidados administrativos da Santa Casa da Misericórdia. Em Tamarineira no Recife, em 1883 foi inaugurado o Hospício de Alienados, depois se tornou Hospital de Doenças Nervosas e Mentais (1924-1981), hoje chamado Hospital Ulysses de Pernambuco.

Silva (2015) constatou que, o autismo foi introduzido primeiramente, na literatura médica, pelas comprovações do médico psiquiatra Eugen Bleuler, no início do século XX, quando passou a caracterizar pessoas com dificuldades na interação social voltadas ao isolamento. Nos atendimentos, Bleuler focalizava as esquizofrenias e psicoses.

Kajihara (2014) observou que, a primeira investigação sobre o autismo foi realizada pelo austríaco Leo Kanner, na década de 1943.

Segundo Kajihara (2014, p. 23), Leo Kanner foi considerado fundador da Psiquiatria Infantil, por ser o primeiro médico a pesquisar distúrbios mentais severos em crianças. Suas primeiras investigações sobre autismo infantil resultaram de observações realizadas em onze crianças com as mesmas características. Em suas pesquisas constatou várias dificuldades relacionadas na rotina das crianças autistas.

Mudanças de rotinas, de arranjo dos móveis, da ordem no qual as ações eram realizadas no dia a dia podiam levar as crianças ao desespero. [...] demonstravam isolamento extremo, ou seja, não respondiam, desde o início da vida, a tudo que viesse do mundo.

Em 1944, Hans Asperger, publicou o primeiro estudo sobre autismo. Asperger identificou crianças autistas que não apresentavam atraso cognitivo e comprometimento na fala, como Leo Kanner descreveu em seus estudos. Após o reconhecimento de seus estudos, o conjunto de características autísticas, conforme descrito pelo pesquisador foi denominado como Transtorno de Asperger (KAJIHARA, 2014).

## **POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL DOS ALUNOS COM TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO COM ÊNFASE NO TEA.**

A educação inclusiva dos alunos com necessidades educativas especiais tem sido tema de várias discussões no âmbito educacional. Na perspectiva do

necessário respeito às diferenças, a inclusão do sujeito com deficiência é tema que merece atenção de todas as instâncias da sociedade.

Esse tema vem sendo valorizado aos longos dos anos, como podemos observar pela amplitude das leis em vigência. Isso é comprovado pela formulação de tratados e convenções internacionais que se expandiram mundialmente para estabelecer os direitos humanos. Após guerras e situações de desigualdades sociais, as quais afetaram a ordem econômica, política e educacional no mundo, diversos países se reuniram na Assembleia Geral das Nações Unidas, que aconteceu em Paris, em 10 de dezembro de 1948, onde foi proclamada a 'Declaração Universal dos Direitos Humanos'. Esse documento foi elaborado por diferentes ordens jurídicas e culturais de várias regiões do mundo, marcando a história sobre os direitos humanos.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais, em dignidade e direitos [...] sem distinção alguma, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação (ONU, 1948, p.1).

A Educação é compreendida como direito de todos, como nos assegura a lei da Constituição federal:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (1988, Art. 205).

Assim entendemos que, o cotidiano na escola de educação básica deve estar organizado para garantir o acesso e permanência de crianças, jovens e adultos envolvendo todos os educandos, com ou sem necessidades educativas especiais. Na Convenção de Salamanca, vários governos e organizações internacionais se reuniram para reafirmarem o direito à educação para todos. Salientaram a relevância dos alunos com necessidades educacionais especiais fazerem parte do sistema regular de ensino (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Com o desdobramento da Convenção de Salamanca foi redigido o documento que ficou conhecido como Declaração de Salamanca (1994). Esse documento revela uma proposta de organização de ação em educação especial, direcionando a instituição educacional a ampliar seu espaço no que se refere ao recebimento dos alunos com necessidades educativas especiais.

O princípio que orienta esta Estrutura é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e super-dotadas [...] todas aquelas crianças ou

jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Nessa perspectiva várias discussões, a nível mundial, sobre a inclusão de pessoas com necessidades especiais surgiram nestes últimos anos. A Declaração de Salamanca buscou proporcionar a igualdade a todos, em nível internacional e, o Brasil participou e concordou com seus princípios filosóficos e com as ações orientadas pela referida declaração.

Os direitos humanos dispostos em leis foram ordenados juridicamente em forma de emenda constitucional brasileira, promovendo a igualdade material e a inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais (JACOBSEN, K.; MORI, R.; CEREZUELA, C.; 2014). Os direitos desses alunos são validados pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, alterada pela redação da Lei nº 12.796 de 2013, no artigo 4 , inciso III:

Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 2013: 1).

O Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011, determina os objetivos do atendimento educacional especializado no Art. 3º inciso I, II, III e IV:

I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes; II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular; III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino.

Para organizar o atendimento especializado aos alunos público alvo da Educação Especial, dentre eles os alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), propôs-se a distribuição dessa população em três grupos, conforme esclarecem Jacobsen, Mori e Cerezuela, (2014, p. 47):

[...] os alunos que são o público-alvo do atendimento educacional especializado em três grupos: alunos com deficiência; alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento; alunos com altas habilidades/ superdotação.

Ainda neste contexto, Jacobsen, Mori e Cerezuela (2014, p.47) ressaltam a atenção especial a esses grupos de alunos da educação especial ao afirmar que “O Estado do Paraná se destaca nacionalmente pelo pioneirismo e pela ampliação da discussão e das propostas de operacionalização à educação inclusiva”. Assim, no Paraná a inclusão ganhou destaque como inclusão responsável.

No Estado do Paraná a instrução nº 004 de 07 de fevereiro de 2012, define o conceito de TGD e especifica os alunos que compõem esse grupo:

Transtornos Globais do Desenvolvimento que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação, repertório de interesses e atividades restrito, movimento estereotipado e repetitivo. Incluem-se neste grupo alunos com Autismo, Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, Síndromes do Espectro do Autismo, Transtorno Desintegrativo da Infância (Psicose Infantil), Transtornos Invasivos sem outra especificação, que no geral apresentam dificuldades de adaptação escolar e de aprendizagem, associadas ou não a limitações no processo de desenvolvimento, que dificultam o acompanhamento das atividades curriculares e na sua interação social com colegas e professores, que requeiram apoio e atendimento pedagógico especializado intensos e contínuos (PARANÁ, 2012, P.1).

Importante destacar que, a instrução 004/2012 segue as normas do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV).

De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (1995 apud KAJIHARA 2014, p. 25) somente em 1994 o Transtorno de Asperger, foi incluído na quarta revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), “[...] juntamente com o transtorno autista, o transtorno de Rett, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação [...] como subtipos dos transtornos globais do desenvolvimento”.

Vale ressaltar que as mudanças periódicas no referido manual ocorrem constantemente. O que justifica tais modificações são as pesquisas realizadas na área da psiquiatria. Em função disso, em 2013 na quinta revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), por meio de uma comissão de profissionais de várias áreas médicas, retirou-se a classificação por subtipos. Sendo assim, permanece no DSM-V o Transtorno do Espectro do Autismo, pois os pesquisadores compreenderam que,

[...] o transtorno autista, o transtorno de Asperger e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação não são desordens distintas, mas parte de um espectro único e contínuo, de médio a severo prejuízo, nos domínios da comunicação e dos comportamentos/interesses restritos e repetitivos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION 2013 APUD KAJIHARA 2014, p.25).

Segundo Brites (2015) o espectro é definido como “uma sombra, isto é uma pessoa pode ter leves características outras muitas características” do autismo. Várias crianças ao serem diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, ainda pequenas, com um ano e meio de idade, com as intervenções adequadas, não apresentaram posteriormente, o quadro clínico com os sintomas inicialmente diagnosticado. Dados como esse, reforçam a necessidade do diagnóstico precoce e de intervenções pontuais. O autor acrescenta que, o autismo varia de acordo com a individualidade da criança, momento do diagnóstico e as intervenções realizadas, o que leva a compreender que ela possui traços de autismo e não autismo grave. Outro aspecto que deve ser considerado é a incidência de comorbidades, ou seja, outros transtornos associados ao Transtorno do Espectro Autista. Uma criança pode ser simultaneamente afetada pelo autismo e por outra síndrome qualquer, sem que os traços do autismo tenha gravidade.

Uma vez de posse do diagnóstico médico cabe à escola adequar suas práticas pedagógicas para a inclusão escolar dos alunos em questão.

A Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012 assegura os direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretriz a serem seguidas. Define as características da pessoa com Transtorno do Espectro Autista, a partir de diagnóstico clínico como dispõe o 1º parágrafo, inciso I e II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

Essa Lei brasileira é conhecida como Berenice Piana, mãe de uma pessoa com autismo, que entrou na luta em benefício das pessoas com Transtornos do Espectro Autista, buscando proteger e eliminar qualquer tipo de discriminação destas pessoas no convívio social a que pertence, respeitando sua cidadania.

As políticas públicas são criadas de acordo com as necessidades da população. Nos últimos anos foram instituídas algumas delas, também para proteger os alunos público alvo da educação especial na escola pública.



O novo Estatuto da Pessoa com Deficiência foi elaborado com base na Convenção da ONU, ainda em caráter de Decreto nº 6.949/2009. No dia 6 de julho de 2015, foi introduzida em forma da Lei Nº 13.146 que entrou em vigor em 7 de janeiro de 2016. Assim, a nova lei brasileira instituiu a inclusão da Pessoa com deficiência na sociedade, com direitos civis aos cidadãos, anteriormente privados de seus direitos. Dessa forma, a lei envolve vários aspectos da vida cotidiana das pessoas com deficiência, com avanços significativos para os cidadãos brasileiros rumo à efetiva ação de inclusão. No Art. 28, inciso I, II e III da Lei 13.146:

Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida; II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena; III - projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia;

As Leis ampliam a proteção das pessoas com deficiências, em todos os espaços da sociedade. As pessoas com autismo devem se reconhecer como pertencentes ao seu meio social. Sobre o direito de frequentar a escola, Rego (2007, p. 103-104) relembra o papel relevante que Vygotsky atribui à escola, “[...] ela representa o elemento imprescindível para a realização plena do desenvolvimento dos indivíduos (que vivem em sociedades escolarizadas) [...]”, valorizando a escola como meio de interação insubstituível, “[...] na apropriação pelo sujeito da experiência culturalmente acumulada”.

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA DOS ALUNOS COM TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO - COM ÊNFASE NO TEA - NO ESTADO DO PARANÁ.**

Jacobsen, Mori e Cerezuela (2014) compreendem que a instituição escolar deverá transformar suas práticas pedagógicas na intenção de promover a inclusão dos alunos com TGD, com ênfase no Transtorno do Espectro Autista. Para tanto, estes deverão ser acolhidos e envolvidos em toda a dinâmica educacional.

Considerando a chegada do aluno na escola pública a educação especial como modalidade da educação básica, dispõe de práticas educativas para o

atendimento do aluno com TGD, com ênfase no Transtorno do Espectro Autista na rede regular de ensino, objetivando o suporte pedagógico pelo professor de apoio especializado. O professor especializado da área da educação especial acompanha o aluno em sala de aula durante as 25 horas de aulas semanais contribuindo com sua inclusão em grupos de estudos, em atividades propostas pelo professor regente em cada disciplina, bem como sua socialização e interação com seus pares no espaço escolar. De acordo com a instrução nº 004 de 2012 a responsabilidade do professor de apoio em sala de aula é:

[...] implementar e assessorar ações conjuntas com o professor da classe comum, direção, equipe técnico-pedagógica e demais funcionários responsáveis pela mediação entre aluno/conhecimento; aluno/aluno, professor/aluno, escola/família, aluno/família, aluno/saúde, entre outros e no que tange ao processo de inclusão como agente de mudanças e transformação (PARANÁ, 2012, P. 1).

Por estas razões, Jacobsen, Mori e Cerezuela (2014) acrescentam que o atendimento educacional especializado seja oferecido a partir da organização de ações práticas e pedagógicas de acordo com projeto político pedagógico de cada instituição. As adaptações e flexibilizações curriculares, também devem ter a intenção de extinguir as barreiras que impedem o aluno, com Transtornos Globais do Desenvolvimento, de participar efetivamente das propostas pedagógicas. Essas modificações nas ações, no que tange as estruturas e atitudes frente ao aluno e seu atendimento educacional especializado visam à efetiva inclusão do aluno não somente na escola, mas em toda sociedade.

A mediação do professor de apoio juntamente com o professor da disciplina, pode favorecer o desenvolvimento do aluno com TEA.

Na perspectiva Histórico-Cultural da Educação, Vygotsky (1984 apud Rego 2007, p. 71-73) em seus estudos identificou dois níveis de desenvolvimento, os quais são compreendidos a partir da relação entre desenvolvimento e aprendizado. Para Vygostky (apud Rego), a aprendizagem possibilita o desenvolvimento, “o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cerca”. O nível de desenvolvimento real está relacionado com o conhecimento ou conquistas, que a criança tem sobre determinado assunto. Trata-se das capacidades que já estão internalizadas na criança, e que conduzem suas ações de forma independente. O nível de desenvolvimento proximal ou potencial se refere também ao que o aprendiz

consegue realizar, mas somente com ajuda, ou seja, com a mediação de outra pessoa, adulto, colega mais experiente. “Nesse caso, a criança realiza tarefas e soluciona problemas através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são fornecidas”.

Considerando os pressupostos vigotskianos, observa-se que na escola, o aluno com TEA, pode encontrar seu potencial apropriando-se de conhecimentos culturais, acumulados ao longo de sua história. Por tal perspectiva teórica, o papel do professor torna-se essencial nesse processo educacional.

Para esta realidade, Sander e Campos (2014, p. 53) consideram que:

O objetivo maior da inclusão de alunos com TGD no contexto escolar é permitir o desenvolvimento de suas potencialidades e habilidades escolares, possibilitar relações sociais, propiciando relações significativas.

O enfoque da inclusão é que a escola além de desenvolver a aprendizagem, deve também favorecer meios que motivem os alunos com TGD e seus pares para estabelecerem vínculos sociais, objetivando o seu desenvolvimento. As interações sociais vivenciadas no ambiente escolar a partir das regras a serem cumpridas pelo aluno têm caráter terapêutico, “auxiliando na aprendizagem do comportamento de tolerância à frustração, ao participar do coletivo e suportar as regras escolares, reordenando as estruturas perdidas” (SANDER, M.; CAMPOS, R.; 2014, p. 54).

Tais afirmações encontram suporte em estudos referentes ao desenvolvimento humano, possibilitado pelas interações sociais, conforme apresentado por Vygotsky apud Góes (2002, p.98):

Os processos humanos têm gênese nas relações sociais e devem ser compreendidos em seu caráter histórico-cultural. O homem significa o mundo e a si próprio não de forma direta, mas por meio da experiência social. Sua compreensão da realidade e seus modos de agir são mediados pelo outro, por signos e instrumentos, isto é, são constituídos pela mediação social-semiótica.

Rego (2007) também considera relevante a interação social entre os alunos, neste caso com atenção especial nas relações entre alunos com TEA, haja vista que esta é uma de suas dificuldades. Fazer parte de um grupo pode significar novas possibilidades para o desenvolvimento da pessoa com TEA.

A partir de sua inserção num dado contexto cultural, de sua interação com membros de seu grupo e de sua participação em práticas sócias historicamente construídas, a criança incorpora ativamente as formas de

comportamento já consolidadas na experiência humana (REGO, 2007, p. 55).

De acordo com essas evidências as relações sociais garantem oportunidades para ampliar ou até mesmo formar novas relações tão essenciais para o desenvolvimento global do aluno com Transtornos do Espectro Autista (TEA). Sander e Campos (2014, p.51) acrescentam como uma das características do contexto escolar, a possibilidade de encontros do aluno TEA com amigos. “Na socialização e na interação com o outro pode despontar referências identificatórias tirando-as do isolamento”.

O isolamento, citado pelas autoras referenciadas, é uma das características do comportamento do aluno com Transtornos do Espectro do Autista. Tal conduta é apontada como dificuldade que obstaculiza seu desenvolvimento e processo de aprendizagem. Essas dificuldades de comportamento, compreendidas como dificuldades de interação social possibilitaram estudos relacionados ao autismo e foram essenciais para novas descobertas.

## **AVANÇOS CIENTÍFICOS NAS PESQUISAS SOBRE OS TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA.**

Segundo Kajihara (2014), entre a década de 1930 a 1960 prevaleceu a ideia de que “o autismo era um transtorno psicogênico”. Clínicos envolvidos observaram dificuldades de relacionamento social em pais de crianças com autismo. Porém, nesse período as hipóteses genéticas não estavam confirmadas e também não havia demonstrações de comprometimento neurológico.

Atualmente, os comportamentos do autista são compreendidos por novos campos de estudos, como a ‘Neuropsicologia do Autismo’. Kajihara (2012, p. 02), conceitua o Autismo como uma Síndrome Comportamental caracterizada por “prejuízos na interação social e na comunicação verbal e não verbal, comportamentos repetitivos e interesses restritos”. De acordo com a individualidade de cada aluno, percebe-se que alguns têm menos interesses na interação social, devido às dificuldades em se relacionar com pessoas, outros apresentam menos dificuldades. Na área da comunicação apresentam dificuldades para compreender e se fazerem compreendidos. Com padrões de comportamentos inadequados, o autista pode ter interesses restritos e estereotípias como movimentos repetitivos, sem significado social.

Nessa mesma linha de conhecimento, Biasão (2014, p. 115) define os Transtornos do Espectro Autista (TEA) como “doença do neurodesenvolvimento, de causas genéticas e ambientais e que afeta, aproximadamente, uma a cada 100 crianças”. Em função disso, propõe aos profissionais da pré-escola e familiares em contato com crianças menores, a observação no comportamento desses, para melhor identificar, pois o diagnóstico prematuro é substancial, e os estímulos podem contribuir para o tratamento, objetivando melhoras no comportamento social e na comunicação.

Ao explicar a relação entre o cérebro e comportamento, Kajihara (2012) constatou algumas evidências sobre fatores que constituem a formação do indivíduo, “o fator genético, principal causa do autismo, leva ao desenvolvimento anormal de estruturas cerebrais. Essas alterações formam a base biológica dos sintomas desse transtorno”. Mesmo com algumas comprovações genéticas e neurológicas, estudos atuais nos revelam a ausência de um marcador biológico específico para diagnosticar o autismo.

Sobre as alterações na base neurológica Biasão (2014, p. 118) explica que, para ocorrer o funcionamento mental é necessário uma conexão entre os neurônios. Essas células nervosas correspondem às principais células do (SNC) Sistema Nervoso Central, responsável por favorecer pensamentos e comportamentos elaborados. Para que isso ocorra “a função mental requer múltiplos circuitos neuronais trabalhando juntos em uma sincronia temporal”.

As alterações cerebrais relacionadas ao TEA, capazes de impedir o funcionamento adequado do cérebro humano têm despertado o interesse de pesquisadores. Nesse sentido há um esforço da ciência em compreender o funcionamento, desenvolvimento e comportamentos de pessoas com transtornos do espectro autista. Sobre o funcionamento do cérebro Kajihara (2012, p. 06) explica que:

O cérebro humano é composto por três unidades ou blocos funcionais, sendo que cada um deles contribui de uma forma específica à organização da atividade consciente humana. A realização de uma atividade organizada e dirigida à realização de metas requer a existência de um determinado nível de tono cortical e de estado de vigília. Isso é fornecido pela primeira unidade ou bloco cerebral, formado pelo tronco cerebral (mesencéfalo, ponte e bulbo), pela formação reticular e pelo sistema límbico.

Segundo Kajihara (2012) a primeira unidade do cérebro tem a responsabilidade pela entrada de informações, ativando a atenção e o estado de

vigília. Quando essa parte do cérebro é lesada, ocorre um impedimento no recebimento de sensações externas, diminuindo a atenção e a vigília e ainda, causando oscilação na memória.

Kajihara (2012, p. 06) aponta essa primeira unidade como encarregada pela:

Regulação das emoções (alegria, tristeza, medo, prazer, raiva etc.), do sistema nervoso autônomo, do sistema endócrino, de processos motivacionais (fome, sede e sexo) e, ainda, participa dos processos de memorização e de aprendizagem.

Kajihara (2012, p. 06) explica que as funções desempenhadas pela primeira unidade servem para alertar o cérebro, ativando todo o córtex,

[...] um ruído excita a formação reticular e esta leva o córtex a um estado de alerta. Essa ativação é fundamental para que, quando um estímulo específico atingir o córtex auditivo, o cérebro seja capaz de identificá-lo.

As funções de sensação e percepção são desempenhadas pelo segundo bloco do cérebro constituído “pelas regiões posteriores do cérebro (occipital, temporal e parietal). Esse bloco recebe, processa e armazena informações [...]”. Essas informações externas e internas ao organismo são percebidas pelo aprendiz.

Assim sendo, ele é responsável pelas funções elementares do processo cognitivo: sensação e percepção. A segunda unidade possui áreas de processamento especializadas para cada modalidade sensorial: a região temporal é responsável pelo processamento da informação auditiva; a zona occipital, pela informação visual; e a região parietal, pela informação somestésica (KAJIHARA, 2014, P. 07).

Na sequência, Kajihara (2012, p. 08) ancorada em estudos de Luria, descreve que, o terceiro bloco funcional localizado na parte frontal do cérebro envolve “[...] todos os processos psicológicos superiores, pois é responsável pela programação, pela regulação e pelo controle da atividade consciente”. A totalidade dessa área cerebral possibilita ao indivíduo elaborar metas e objetivos, planejar, ter intenção, perceber os resultados de suas ações e rever erros cometidos. “A região frontal está conectada com o tronco cerebral, incluindo a formação reticular, e por isso atua na regulação da atenção voluntária”.

Para Kajihara (2012, p. 08) as funções cerebrais estão envolvidas umas com as outras, num cérebro preservado. “O cerebelo participa da regulação da postura, do equilíbrio, do tônus muscular, dos movimentos voluntários e da aprendizagem motora”.

Por outro lado, quando ocorrem alterações cerebrais, possivelmente serão evidenciados desajustes no comportamento, linguagem /comunicação e dificuldades de interação social. Esses desajustes são presentes nos alunos com transtornos do espectro autista. Referente a essas alterações em autistas, Kajihara (2012) destaca: no nível do sistema límbico, no período de formação embrionária, perdas nas conexões cerebelares, com modificações anormais no crescimento do cérebro, perceptíveis ao nascimento.

Em razão disso alguns alunos com TEA são alheios à emoção e enfrentam dificuldades para demonstrar seus sentimentos. Tais dificuldades decorrem de desorganizações cerebrais já mencionadas. Assim a autora considera que:

O sistema límbico participa do circuito cerebral envolvido nos processos de memória e das emoções. No autista, muitos componentes do sistema límbico apresentam um padrão patológico, ou seja, os neurônios são pequenos e estreitamente empacotados, semelhantes aos observados nos primeiros estágios do desenvolvimento embrionário (KAJIHARA, 2012, p. 07).

De acordo com estudos realizados atualmente, referentes às teorias da mente, observaram-se avanços referentes ao reconhecimento de certos comportamentos dos autistas, justamente por explicarem como ocorrem os processos neurobiológicos nestes indivíduos. A neuropsicologia do autismo teve impulso depois da metade da década de 1990, por meio do desenvolvimento das técnicas de exame por neuroimagem (KAJIHARA, 2014).

## **RELATOS DE EXPERIÊNCIAS, POR PESSOAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA.**

De acordo com Mitchell (HIGASHIDA, 2013, p.13), o relato de experiências permite a compreensão de como pensa um autista. No livro “O que me faz pular”, isso é comprovado pela observação e a descrição de um menino com transtornos do espectro autista, que aos treze anos de idade escreveu seu primeiro livro. O pequeno autor apresenta comprometimento na comunicação verbal, e se vê impossibilitado de estabelecer diálogos, do modo como fazem os neurotípicos<sup>1</sup>. Com a contribuição de sua professora e sua mãe, foi possível Higashida se comunicar expressando seus sentimentos e pensamentos diante de sua realidade. A comunicação tornou-se possível a partir da elaboração de uma prancha com o alfabeto, assim permitindo soletrar, por indicação das letras, as palavras. A prancha

---

<sup>1</sup> Neurotípicos são todas as pessoas, como os alunos que não possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

de alfabeto de Higashida é composta pelos quarenta caracteres básicos do hiragana japonês.

Em seu livro Higashida (2014, p. 31) responde várias perguntas, frequentemente formuladas, referentes ao funcionamento da mente de um autista. Para tanto descreve o porquê de os autistas fazerem frequentemente, as mesmas perguntas:

É que esqueço muito rápido o que acabo de ouvir. Dentro da minha cabeça não existe grande diferença entre o que me disseram agora mesmo e o que ouvi muito tempo atrás. Então, apesar de compreender as coisas, meu modo de me lembrar delas é muito diferente do de qualquer outra pessoa. Imagino que a memória de alguém normal seja ordenada de forma contínua, como uma fila. A minha seria mais como uma piscina de bolinhas. Sempre tento “pegar” essas bolinhas-fazendo perguntas-para chegar até a lembrança que elas representam.

Outra resposta esclarecedora é fornecida em relação ao isolamento: Você prefere ficar só?

Não posso acreditar que qualquer ser humano deseje mesmo ser deixado só. De forma alguma. O que incomoda as pessoas com autismo é que nós ficamos muito ansiosos com o fato de causar problemas para vocês e deixá-los nervosos. Por isso é difícil para nós ficar perto de outras pessoas. E esse é o motivo para sermos deixados sozinhos com tanta frequência. (HIGASHIDA, 2014, P. 55)

Os relatos apresentados no livro de Higashida elucidam para muitos pais, profissionais da educação e de outras áreas que estudam TEA, as reais sensações e desejos de sujeitos afetados por essa síndrome. Sobre a aproximação com as pessoas, Higashida (2014, p. 22) esclarece: “Não se pode julgar uma pessoa pela aparência. Mas, a partir do momento em que você entende o que acontece dentro do outro, vocês dois podem se tornar bem mais próximos”.

O caso de Higashida permite refletir sobre as intervenções realizadas pela mãe e pela professora, as quais possibilitaram conhecer como ele pensa e vê o mundo a sua volta. As revelações, possíveis por meio das adaptações proporcionadas a ele, indicam que a afetividade e uma saudável interação entre os membros da família e profissionais da escola, conduziram a resultados positivos em sua vida.

Diferente dessa realidade, outras pessoas com Transtornos do Espectro Autista, não experimentam intervenções e oportunidades afetivas e como as relatadas por Higashida. Nos relatos a seguir será possível perceber o quanto a falta de conhecimento, bem como a ausência de e um olhar para sensível para as



diferenças, podem provocar sentimentos diversos, em alunos com Transtornos do Espectro Autista, marcando negativamente sua vida.

Os relatos de Sofia (SILVA, 2014), aluna graduada no curso de pedagogia, revela os vários desafios por ela enfrentados durante sua vida escolar. Nos primeiros anos escolares Sofia já sentia a rejeição no ambiente escolar. Era evidente a falta de compreensão, por parte das professoras, em relação às suas limitações decorrentes dos Transtornos do Espectro Autista. Sofia relata ainda, que sua família foi omissa no acompanhamento de seu desenvolvimento escolar, sem demonstrar interesse em suas conquistas intelectuais e em suas tentativas para atingi-la. Da mesma forma, a escola demonstrou total desconhecimento sobre como intervir no comportamento apresentado pela aluna com TEA. Por estas razões afirma que:

[...] o ambiente familiar e o escolar são os que mais influenciam na formação dos traços de personalidade da pessoa e no desenvolvimento de suas funções psicológicas, pois é neles que a criança passa a maior parte do tempo. Neste sentido, a escola junto com o professor devem ter o cuidado de propiciar ao aluno um espaço equilibrado de forma a atender suas necessidades (SILVA, 2014, P.59)

O diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista é primordial para o tratamento das crianças, já no primeiro ano de idade, evitando problemas maiores no decorrer do seu desenvolvimento. Sofia, a personagem descrita por Silva (2014), relata suas dificuldades de adaptação à escola, demonstrando que certos comportamentos infantis, merecem atenção especial.

A entrada no pré-escolar foi aos cinco anos e de forma complicada porque ela sentia muito medo e não suportava ficar sozinha num lugar sem pessoas conhecidas. Porém, antes dessa idade a mãe já havia tentado por dois anos seguidos colocá-la na escola, no entanto ela chorava muito e não conseguia adaptar-se o que fez com que estas tentativas fracassassem (SILVA, 2014, P.33).

A vida escolar de Sofia foi marcada por omissões e desrespeito à sua condição. Sofia sofria por não ser compreendida. Seu comportamento era a expressão de seus sentimentos:

Sofia começava a chorar desde que saía de casa para ir à escola e levava muitas broncas por isso, tentava segurar o choro repetindo para si mesma durante todo o caminho que não iria chorar, mas não conseguia e sentia muito medo. Ao chegar à escola chorava mais ainda, principalmente, quando a pessoa que a tinha levado ia embora e a deixava sozinha. Não tinha amigos na escola, ficava sempre sozinha, saía correndo da sala de aula e se trancava no banheiro onde ficava chorando muito e olhando para a janela com vontade de fugir de alguma maneira daquele lugar, mas quando a professora percebia sua ausência ia buscá-la no banheiro e brigava muito com ela (SILVA, 2014, P.33).

A despeito de suas crises de choro, como manifestações de que precisava de ajuda, nada mudou. A escola não proporcionou as intervenções que poderia atenuar o sofrimento de Sofia. Havia desafios também em casa. . Sofia isolava-se. Entendeu que deveria fazer a tarefa sozinha, sem contar com auxílio dos familiares:

Na poucas vezes que a mãe ou a irmã mais velha tentaram a ajudar no dever de casa, ela se irritou muito e ficou muito frustrada, pois não faziam como ela queria, ou seja, do jeito que ela pensava que tinha que ser e também Sofia percebia má vontade e falta de paciência e assim nesses momentos ela chorava e brigava muito (SILVA, 2014, P. 35).

Na escola, ainda, sofria com situações diversas, pois faltava a sensibilidade dos professores ao se relacionarem com Sofia e entender suas dificuldades. O isolamento também afetou sua autoestima de forma significativa, provocando a descrença em si mesma.

Na escola continuava sem ter amigos e ter conflitos com os outros alunos rindo e zombando dela. Sofia sentia sempre a sensação de ser estranha, diferente, e inferior aos demais em todos os ambientes que frequentava. Sofia, não sabia como resolver as brigas, os problemas em casa e os conflitos na escola, e se sentia culpada ao mesmo tempo em que não sabia a quem recorrer e tinha muito medo de falar sobre as coisas que vivenciava na escola e em casa (SILVA, 2014, P. 36).

No decorrer dos anos, Sofia foi percebendo a diferença entre os professores. . Sentiu que alguns buscavam estabelecer um relacionamento afetivo, respeitando sua individualidade. No quinto ano o professor de educação física, demonstrou atenção aos seus limites. Sofia afirma que gostava muito deste professor e o descreve, “[...] era paciente, afetivo, divertido, respeitava sua vontade de não participar das aulas práticas de Educação Física e a incentivava a ser uma boa aluna [...]”.

Suas dificuldades a acompanham durante todo o ensino fundamental II:

[...] quinta a oitava série na época, Sofia já gostava um pouco mais de ir para escola, no entanto, as dificuldades e conflitos continuavam cada vez mais aumentando, no entanto, nunca contou aos pais o quanto sofria na escola porque não tinha a quem contar, não confiava em ninguém, tinha medo e sentia que não iriam compreendê-la (SILVA, 2014, P. 36) .

Nos anos seguintes as dificuldades aumentaram, mesmo com interesse nos estudos, a família em nada incentivava seu desempenho escolar. E na escola tudo se tornava complicado. Ano a ano tinha que encontrar forças para tentar superar os desafios. Ainda enfrentava discriminação por parte dos docentes e alunos de sua turma, como desabafa a seguir:

Sofia não gostava também da disciplina de Educação Física, pois não era o mesmo professor do ano anterior o que fez com que ela sofresse muito e a professora do ano atual a obrigava a participar das aulas, mas ela não sabia realizar as atividades propostas (jogos e brincadeiras), era sempre deixada de lado, nunca era escolhida para as equipes e tinha sempre que ser encaixada em algum grupo pela professora e nenhum dos grupos em que ela entrava gostava da sua participação. E também os alunos riam e zombavam dela, quando ela entrava em algum time os integrantes diziam a ela para que não atrapalhasse e que nem tentasse pegar a bola, mas que saísse da frente e quando ela mesmo assim tentava pegar a bola e errava os alunos diziam a ela que ela era tão feia que bola fugia dela (SILVA, 2014, P. 37).

De acordo com relatos de Silva (2014, p. 40), somente na oitava série da época, Sofia passou a gostar da disciplina de Língua portuguesa, devido à postura da professora, e a partir disso, atribuía várias qualidades àquelas que mereciam. Reconhecia nos professores a dedicação e afetos com os alunos, também em seu caso, por isso diz que “[...] gostava muito também da disciplina de História porque achava as aulas fantásticas já que a professora explicava com tanto fascínio e dedicação o que ensinava que conseguia tornar a aula muito interessante [...]”.

A passagem de humanos mais sensíveis por sua história é, cuidadosamente, descrita por Sofia. Assim descreve ao um dos professores, que deixou lembranças positivas em sua vida estudantil.

Havia também na escola um professor que ela gostava muito que era o mesmo professor de Educação Física da quinta série, ele se tornou um amigo para ela e mesmo sem ela conseguir conversar ou olhar em seus olhos tinham um bom relacionamento, ele era muito afetivo, paciente, bem humorado, divertido e sempre dizia a ela que tinha que se esforçar ao máximo que conseguisse para ser uma excelente aluna. Falava também que ela tinha que estudar muito e tirar boas notas, ela sempre o esperava todo dia na entrada perto da sala dos professores [...] (SILVA, 2014, P. 40).

Os anos do ensino médio são descritos como tempos difíceis. “Durante os três anos, [...] os alunos com quem estudava, esses riam, humilhavam, debochavam, faziam brincadeiras maldosas, colavam papel em suas costas sem que ela visse e todos que viam riam dela” (SILVA, 2014, P. 41).

Sofia tornou-se uma pessoa fechada em seu mundo, não conseguindo conversar e interagir com os outros. Por iniciativa familiar foi conduzida a, um consultório psicológico, onde iniciou terapia ao mesmo tempo em que recebia tratamento medicamentoso. A primeira experiência de terapia não surtiu efeito. Assim, a família buscou um novo profissional. O primeiro contato de Sofia com o novo terapeuta foi por escrito. Essa estratégia facilitou sua comunicação, já que ela recusava estabelecer a comunicação oral. O novo terapeuta conseguiu dialogar com

Sofia, por meio de seus registros, foi quando fez indicação a um tratamento psiquiátrico e com medicações (SILVA, 2014).

Sofia desejava estudar. Silva (2014) destaca que a menina concluiu o ensino médio e várias vezes tentou o vestibular. Depois iniciou um curso de formação para docentes, na mesma escola onde cursou o ensino médio, com duração de quatro anos. Mesmo diante de várias dificuldades passou no vestibular para o curso de Pedagogia em uma universidade pública. Foram muitas adversidades. Enfrentou preconceito e discriminação. Sofia resistiu e fez várias tentativas para dar continuidade a faculdade.

O primeiro ano de faculdade foi muito difícil, apesar de ela ter muita vontade de estudar, não conseguia adaptar-se ao novo ambiente acadêmico. Assustou-se bastante com a dinâmica da universidade, sentia muito medo, os alunos não a compreendiam e ela percebeu logo de início certo preconceito pelo seu modo de ser, não tinha amigos, não conseguia se relacionar e conversar com os alunos e professores. Teve dificuldades em algumas disciplinas pelo fato de não conseguir apresentar trabalhos e por não conseguir fazer trabalhos em grupos e também sentia dificuldades para entender alguns conteúdos em algumas disciplinas, porém, como não conseguia falar com os professores e sentia também muita vergonha e medo de que a achassem muita burra não conseguia chegar até os professores e pedir que lhe tirassem suas dúvidas ou que explicassem novamente (SILVA, 2014, P. 45).

Após muitas dificuldades, que persistiram todo o tempo em seus estudos acadêmicos, pôde encontrar uma professora que realmente respeitou seus limites e compreendeu que apesar de apresentar certas barreiras, percebeu também sua capacidade e potencial. Com um olhar diferente e sensibilidade para a condição da aluna, esta professora permitiu que a realidade fosse transformada em perspectivas de vida. Apesar das marcas negativas e desafetos gerados na trajetória de sua vida, Sofia conseguiu prosseguir seus estudos movida pelo desejo, satisfação e persistência.

Os exemplos citados revelam a importância da família e escola, no processo de interação social e inclusão escolar dos alunos com Transtornos do Espectro Autista. Afirma Silva (2014, p. 57):

Cada criança é um ser único e capaz, cada uma com suas singularidades e particularidades, umas mais tímidas, outras mais extrovertidas, mas todas com uma grande sede de aprender e conhecer o mundo, o que mostra a necessidade de uma formação docente diferenciada para atender todos os alunos com qualidade e o compromisso, ajudando-os a se apropriarem do conhecimento acumulado pela humanidade e desenvolverem sua formação humana.

Enfim, a escola precisa desempenhar seu papel e, em parceria com a família, contribuir para o desenvolvimento saudável de seus alunos. É preciso que a escola assuma o compromisso de apresentar perspectivas positivas para a construção da história dos alunos com TEA.

#### **4- ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.**

### **PRIMEIRO ENCONTRO**

**Tema: Histórico da educação especial. Preconceito e barreiras atitudinais.**

Ao abordar o tema do meu projeto com título “Reflexões sobre a Inclusão Escolar dos Alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento com ênfase nos Transtornos do Espectro Autista”, primeiramente será apresentado uma breve trajetória da Educação Especial, com destaque para a história do Autismo. Com intenção de sensibilizar os participantes para a reflexão sobre a inclusão das pessoas com deficiências, será desenvolvida a dinâmica de grupo “café especial”. Essa técnica permite que cada participante vivencie a condição experimentada por pessoas com deficiência.

#### **Objetivos:**

- Identificar como a deficiência foi compreendida no decorrer das fases históricas, no modo de produção da humanidade;
- Conhecer a história do autismo e como o autismo foi definido por alguns estudiosos;
- Oportunizar experiências, em situações limitadoras que permitam reflexões sobre a inclusão dos deficientes, bem como dos alunos com Transtornos do Espectro Autista (TEA);

#### **Procedimentos:**

**Atividade 1:** Breve explanação sobre o projeto, com apresentação de slides.

**Atividade 2:** Apresentação de vídeo.

Para dar início ao primeiro encontro desse curso, será apresentado um vídeo sobre a história da educação especial, retratando como eram vistos e tratados os deficientes, anteriormente, de acordo com cada época.

<b>Vídeo</b>	“Breve trajetória da Educação Especial no mundo e no Brasil”.
<b>Disponível em:</b>	< <a href="https://www.youtube.com/watch?v=mpoE9pCGOR4">https://www.youtube.com/watch?v=mpoE9pCGOR4</a>
<b>Acesso em:</b>	31/10/2016
<b>Duração:</b>	6: 47

Em seguida será apresentada breve trajetória do autismo, por meio de apresentação de slides. Na exposição serão destacados os primeiros pesquisadores a iniciar estudos sobre o autismo no mundo. Após a apresentação oportunizaremos reflexões sobre o tema abordado.

<b>HISTÓRIA DO AUTISMO</b>	
<b>O Transtorno só passou a ser estudado a partir dos anos 1940.</b>	
<b>Em 1911 Na Suíça.</b>	Inicialmente, o autismo foi incluído na literatura médica no início do século XX, pelo psiquiatra Eugen Bleuler. Constatou que havia pessoas com dificuldades de interação com outras pessoas, apresentando tendências ao isolamento.
<b>Em 1943, nos EUA.</b>	Leo Kanner, psiquiatra austríaco, publica a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”. Relatou os casos de 11 crianças que tinham em comum um isolamento extremo desde o início da vida, também observou um desejo obsessivo em mesmice, como esses sintomas surgiam desde a infância, usou o termo “autismo infantil precoce”.
<b>Em 1944, na Áustria.</b>	O psiquiatra de Viena, Hans Asperger escreve o artigo “A psicopatia Autista na infância”. Observou que o padrão de comportamento e habilidades que descreveu ocorria, preferencialmente em meninos. Só na década de 1980 seus relatos receberam atenção. Constatou que algumas crianças

	autistas não apresentavam comprometimentos na fala e desempenho cognitivo.
<b>Em 1950, nos EUA.</b>	Durante o pós-guerra, houve muita confusão sobre a origem do autismo e sua etimologia. Leo Kanner acreditou tratar-se de um transtorno causado por pais não emocionalmente responsivos a seus filhos e pela falta de calor materno. Nessa época, ainda não eram considerados os determinantes biológicos ou genéticos.
<b>Em 1960, nos EUA.</b>	Aumentaram as evidências que sugeriam que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância e encontrado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnicos-raciais investigados. Leo Kanner se disse mal compreendido e escreveu “Em defesa das mães”. Depois disso a primeira teoria mostrou-se infundada e foi arquivada.
<b>Em 1980, na Inglaterra.</b>	Na década de 1960, o psiquiatra infantil Michael Rutter conduziu um estudo que demonstra claramente a origem biológica do autismo. Duas décadas depois, seu trabalho e a crescente produção de pesquisas sobre o tema fizeram com que o autismo, fosse pela primeira vez, reconhecido em uma nova classe de distúrbios como Transtornos Invasivos do Desenvolvimento - TIDs.
<b>Em 1988, nos EUA.</b>	Um psicólogo da Universidade da Califórnia, Los Angeles, publica um estudo demonstrando como a terapia comportamental de forma intensiva pode ajudar as crianças com autismo. Também constatou o quociente de Inteligência (QI) de algumas crianças aumentaram após se submeterem aos seus métodos.
<b>Em 2014, na Suécia.</b>	Após um estudo realizado com mais de 2 milhões de pessoas pelo Instituto em Karolinska de Estocolmo, mostra que os fatores ambientais são tão importantes quanto a genética como causa do autismo. Incluindo o nível socioeconômico da família, complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e o uso de drogas antes e durante a gravidez.

Referência:

AUTISMO. São Paulo: On Line, 2016.

**Atividade 3:** Dinâmica: “Café especial”.

A atividade seguinte tem a intenção de promover reflexões frente aos desafios enfrentados pelas pessoas com necessidades especiais. Todos os participantes serão convidados para o café especial. Primeiramente serão avisados que esse momento de socialização deverá ocorrer com algumas regras para que seja alcançado o objetivo da atividade. Cada participante sorteará uma etiqueta constando o nome/descrição de uma deficiência. A condição descrita na etiqueta será assumida pelo participante durante o café especial. A deficiência física, com comprometimentos de Membros Superiores e/ou Inferiores, será representada pelo participante com as mãos amarradas para trás e/ou com a utilização de cadeiras de rodas. Os participantes que receberem etiquetas de comprometimentos na fala terão uma mordaca impedindo-os de falar. A deficiência visual será materializada por uma venda nos olhos. Após a distribuição das vendas para os olhos, das mordaças, das cadeiras de roda, etc., os participantes serão autorizados a comer os alimentos disponíveis na mesa, com a instrução de que, no intervalo de 15 minutos, todos, sem exceção, deverão se alimentar. A técnica permite que os participantes se apoiem mutuamente, vivendo de forma simulada, os limites enfrentados por pessoas com deficiência. A técnica é finalizada com uma discussão coletiva, sobre as sensações experimentadas pelos participantes durante o desenvolvimento da dinâmica. Assim, após o café, os professores participantes terão oportunidades de relatar sobre preconceito e acessibilidade atitudinal, a partir das experiências vivenciadas durante a dinâmica. Nesse momento serão anotadas as colocações do grupo, pela professora PDE.

**Atividade 4: Produção escrita pelos professores participantes.**

- Os professores serão convidados a responderem, por escrito, em pequenos grupos, como seria a participação dos alunos com Transtornos do Espectro Autista nesta dinâmica, considerando que suas dificuldades envolvem a interação social. As respostas serão apresentadas e debatidas com todo o grupo.



### Atividade 5: Texto: “História do autismo”.

Os excertos apresentados são relatos do médico neurologista Oliver Sacks em seu livro “Um astronauta em Marte”. Em sua obra descreve sobre sete histórias, em uma delas destaca suas experiências na área do autismo, partindo dos conceitos de Leo Kanner e Hans Asperger.

<b>Slides:</b>	“História do autismo”.
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMRDhZMzFvV1RYaG8/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMRDhZMzFvV1RYaG8/view?usp=sharing</a>
<b>Excertos de:</b>	Oliver Sacks.
<b>Referência:</b>	SACKS, Oliver. <b>Um astronauta em Marte</b> . São Paulo: Schwarcz, 1995.

**Recursos Materiais:** Data show, slides, vídeo, textos, faixas para amarrar as mãos, vender olhos e boca, cadeira de rodas, alimentos, bebidas e fichas com recomendações para cada participante indicando a deficiência.

**Avaliação:** Reflexão pessoal sobre as possíveis formas de interação e participação do aluno da Educação Especial no espaço escolar, capazes de favorecer sua inclusão educacional.

## SEGUNDO ENCONTRO

### Tema: Raízes do atendimento pedagógico ao TEA e

### Políticas públicas de atendimento ao aluno com TEA/DSM-V.

Nesse encontro serão abordadas as raízes do atendimento pedagógico aos alunos da Educação Especial, bem como aos alunos com Transtornos do Espectro Autista. Destacaremos importância do médico e pesquisador Jean Itard (1744-1838), precursor dos estudos desenvolvidos na área da educação especial. Seu trabalho, no campo da educação especial, com a sistematização e registro das intervenções que realizou com o menino Victor teve repercussão até os dias de hoje.

Na época esse médico francês utilizou técnicas pedagógicas ancoradas na abordagem comportamental, para educar o garoto encontrado na floresta de Aveyron. A partir das intervenções pedagógicas realizadas por Jean Itard, outros educadores deram sequência em pesquisas nessa área permitindo conquistas no campo da educação especial. Em seguida serão apresentadas as leis que amparam o atendimento educacional dos alunos com TEA, na escola pública. Para finalizar os estudos desse encontro discutiremos a nova revisão do DSM-V.

### **Objetivos:**

- Apontar os procedimentos pedagógicos, utilizados pelo médico francês Jean Itard, ao promover, pela via da aprendizagem, o desenvolvimento cognitivo de Victor (Menino Selvagem);
- Conhecer as leis que amparam o atendimento aos alunos com deficiência, bem como os alunos com TGD com ênfase nos Transtornos do Espectro do Autista;
- Conhecer o público alvo da Educação Especial compreendidos pelo DSM-V, como alunos com Transtornos do Espectro do Autista;

### **Procedimentos**

**Atividade 1:** Leitura do texto: “Jean Itard e o menino selvagem”.

O estudo do texto possibilita o conhecimento de como surgiu a Educação Especial. Jean Itard parte de métodos que estimulam a sensibilidade do menino selvagem encontrado na floresta de Aveyron. Segundo Itard, o menino sofria as consequências do isolamento da sociedade, por isso apresentava tais comportamentos.

<b>Texto:</b>	<b>“O garoto selvagem: a importância das relações sociais e da educação no processo de desenvolvimento humano”.</b>
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://drive.google.com/a/escola.pr.gov.br/file/d/0BxxlknUdGUiMWF1wYjRDMGJESE0/view?usp=sharing">https://drive.google.com/a/escola.pr.gov.br/file/d/0BxxlknUdGUiMWF1wYjRDMGJESE0/view?usp=sharing</a>
<b>Artigo elaborado</b>	Tatiane Marina dos Anjos Pereira. Maria Terezinha Bellanda Galuch.

<b>por:</b>	
-------------	--

**Procedimentos:** Distribuir os textos em pequenos grupos, juntamente com a atividade para a orientação de leitura. A tabela abaixo tem o objetivo de orientar a leitura do texto, proposto aos professores participantes. Para tanto deverão preencher o quadro das perguntas seguintes:

<b>Atividade para Orientação de Leitura:</b>		
<b>1</b>	Para Jean Itard o que era necessário para desenvolver as capacidades humanas do garoto selvagem?	
<b>2</b>	Qual a importância em aplicar um método sistematizado na educação de Victor?	
<b>3</b>	Na metodologia de ensino de Jean Itard, o que impulsionou a aprendizagem do garoto selvagem?	
<b>4</b>	Qual o objetivo principal ao educar o menino, considerando a necessidade de aprender os hábitos sociais?	

**Atividade 2:** Discussão sobre o texto: “O garoto selvagem: a importância das relações sociais e da educação no processo de desenvolvimento humano”.

**Atividade 3:** Apresentação de partes do filme: “O menino selvagem”, evidenciando as estratégias pedagógicas utilizadas por Jean Itard ao educar o menino abandonado.

<b>Ficha Técnica do filme</b>
<b>Título no Brasil:</b> “O menino Selvagem”.
<b>Título original:</b> L´enfant sauvage
<b>Direção:</b> François Truffaut (França, 1969).
<b>Duração:</b> 86 minutos
<b>Gênero:</b> Drama.
<b>Roteiro:</b> F. Truffaut e Jean Gruault, baseado na Mémoire et Rapport sur Victor de l´Aveyron de Jean Itard (1806)
<b>Comentário:</b> Filme baseado no livro do Médico psiquiatra francês Dr. Jean Marc Gaspard Itard, que se torna responsável pela educação de uma criança selvagem.
<b>Sinopse:</b> Em 1797, um menino selvagem é capturado numa floresta de Aveyron. Alvo de curiosidade, ele é levado ao Dr. Itard, que acredita ser possível transformar o garoto selvagem em um homem civilizado. O médico dá-lhe o nome de Victor e o leva para sua casa, onde, com o auxílio de sua governanta, Itard ensina a Victor os hábitos culturais da sociedade civilizada, desde os mais elementares até conhecimentos complexos como a leitura e a escrita. . Itard fracassa na tentativa de fazê-lo falar, mas Victor passa a compreender a linguagem verbal e chega a fazer uso da escrita. Além disso, Itard e ganha a afeição do menino. Baseado em fatos reais, o filme narra a história deste garoto do final do século XVIII que, supostamente, cresce sem estabelecer contato com a sociedade. Ao ser encontrado Victor não andava sobre dois apoios, como os seres humanos, não falava não possuía hábitos de autocuidados. Ele é resgatado com cerca de doze anos de idade e passa a ser objeto de estudo do Dr. Itard sempre ávido pelo conhecimento da condição humana. Jean Itard se interessa pelo o menino, que é levado a Paris para onde seria avaliado o seu grau de inteligência. Interessava à ciência verificar

como responde do ponto de vista do desenvolvimento da inteligência, um menino que, desde cedo, foi privado da educação e da convivência humana.

### **Roteiro do filme para discussão.**

- 1- Quais as oportunidades oferecidas a Victor, pelo médico Itard, com o objetivo de promover o desenvolvimento de suas capacidades humanas, favorecendo a sua inclusão social?
- 2- Jean Itard não conseguiu fazer Victor falar, embora isso tenha de fato acontecido, como se estabeleceu a linguagem entre Itard e Victor?
- 3- Qual importância do trabalho realizado pelo médico Jean Itard, como contribuição para a Educação Especial?

### **Reflexão para próxima atividade.**

No decorrer da história da educação especial é possível perceber os avanços significativos referentes às pesquisas, não somente, na área médica, mas também de grupos interessados em bem atender as pessoas com deficiência. As lutas, no campo legal, demonstram o interesse pela vida e o direito das pessoas com necessidades especiais exercerem sua cidadania na sociedade a que pertencem. Nesse encontro serão abordadas as leis de amparo ao atendimento das pessoas com deficiências, bem como as pessoas com Transtornos do Espectro Autista.

**Atividade 5:** Apresentação em slides, das leis e a nova revisão do DSM-V em defesa dos direitos das pessoas com deficiências, bem como aos alunos com TEA;

**Recursos Materiais:** Notebook, slides, textos, canetas esferográficas, recortes do filme.

**Avaliação:** Ocorrerá a partir da participação dos professores por meio do envolvimento em discussões, bem como na interação do tema abordado. Compreensão das políticas públicas e da nova revisão do DSM-V, em benefícios dos alunos alvo deste estudo.

## **TERCEIRO ENCONTRO**

**Tema: Conceito e características do Transtorno do Espectro Autista.**

## **Objetivos:**

-Conhecer o conceito, as características do comportamento, causas e tratamento para os alunos com Transtornos do Espectro Autista.

## **Procedimentos**

Para dar início a apresentação do conceito e características dos Transtornos do Espectro Autista, primeiramente será realizada uma dinâmica de grupo. Com o objetivo de conhecer o que os professores participantes conhecem ou sabem sobre o “autismo”.

### **Atividade 1 : Dinâmica “Cochichos”.**

Primeiramente, será pedido para um dos participantes do grupo, entregar por escrito a resposta à seguinte pergunta: “Autismo: o que conheço sobre esse assunto”? Em seguida as respostas serão discutidas em plenário.

Essa dinâmica consiste em colher informações sobre o tema. Para isso deverão ser obedecidas algumas regras.

Toda esta dinâmica se faz em plenário. As pessoas que estão próximas se juntam de duas em duas, ou três em três. Conversam rapidamente sobre um dado tema. Uma pessoa incumbida pelo grupo coordena a discussão e informa o plenário (CAVIEDES, 1979).

Assim será possível conhecer o nível de conhecimento dos professores participantes, sobre o Transtorno do Espectro Autista e suas expectativas sobre o assunto. Considerando que no final do curso cada participante poderá observar a relevância e contribuições do projeto para escola.

### Referência:

CAVIEDES, Miguel. Dinâmicas de Grupo. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

**Atividade 2:** Apresentação de Vídeo: “**Autismo: Transtorno do espectro autista/aspectos básicos.**” Palestra com médico Neuropediatra Dr. Clay Brites.

### **Roteiro para análise do vídeo**

- 1- O que é o Transtorno do Espectro Autista?
- 2- Quais as características de uma criança com Transtornos do Espectro Autista?

- 3- Esse transtorno pode estar associado a outras síndromes?
- 4- Os sintomas do Transtorno do Espectro Autista podem piorar?
- 5- Quais as causas do autismo?
- 6- Quais formas de tratamentos dos sintomas dos Transtornos do Espectro Autista?

<b>Título do Vídeo:</b>	<b>“Autismo: Transtorno do espectro autista/aspectos básicos”.</b>
<b>Disponível em:</b>	< <a href="https://www.youtube.com/watch?v=VzAlj6DPhGg">https://www.youtube.com/watch?v=VzAlj6DPhGg</a> .>
<b>Acesso em:</b>	20/10/2016.
<b>Duração:</b>	1: 37:50

- Em slides apresentar o conceito, as características, causas e tratamento sobre os Transtornos do Espectro Autista, como contribuição da discussão.

**Atividade 3:** Apresentação de Vídeo:

Dr. Caio Abujadi psiquiatra especializado em autismo, explica como funciona o cérebro da pessoa com TEA. Esclarece o que pode acontecer quando outra pessoa inibe os movimentos repetitivos de uma criança autista.

**Roteiro para análise e reflexões do vídeo:**

- 1- A execução de uma ou mais atividades, ocorrem da mesma maneira, em pessoas sem autismo (neurotípicas) e em pessoas com Autismo?
- 2- O cérebro do autista funciona como o de pessoas neurotípicas (normais)?
- 3- Os movimentos estereotipados, comportamentos repetitivos e certas agitações podem nos incomodar, mas para o autista se torna uma maneira de se reorganizar neurologicamente. O que pode ocorrer caso se tente fazer o autista parar com movimentos estereotipados ou comportamentos repetitivos?

<b>Título do Vídeo:</b>	<b>“Como funciona o cérebro da pessoa com autismo?”.</b> “Dr. Caio Abujadi”, médico psiquiatra infantil, especializado em autismo.
-------------------------	---

<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=t7i5LzSuCCY">https://www.youtube.com/watch?v=t7i5LzSuCCY</a>
<b>Acessado em:</b>	07/11/2016.
<b>Duração:</b>	5: 53

**Recursos Materiais:** Notebook, vídeo, slides, canetas e sulfites;

**Avaliação:** Participação na dinâmica, registrando seu conhecimento sobre o autismo e sua apreciação sobre os temas discutidos. Espera-se que os participantes adquiram novos conhecimentos referentes ao comportamento dos alunos com TEA.

## **QUARTO ENCONTRO**

**Tema: Aprendendo com Temple Grandin.**

**Objetivo:**

- Conhecer as possibilidades de interação social da pessoa com Transtornos do Espectro do Autista, bem como as estratégias elaboradas para a superação de dificuldades;

**Procedimentos**

**Atividade 1: Leitura de Texto: Parte da introdução do livro “Uma menina estranha” de Temple Grandin.**

No texto Temple Grandin relata sobre sua vida. Esclarece como lidou com os sintomas do autismo, desde a infância quando apresentava comportamentos caracterizados pelo autismo até ingressar na faculdade, enfim, até hoje. Mesmo na condição de autista desenvolveu meios de superação dos transtornos inerentes a essa condição, possibilitando uma vida diferente, mas vivida de acordo com suas potencialidades.

<b>Texto:</b>	Introdução do livro “ <b>Uma menina estranha</b> ”.
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMMExLRjhnR1NWSmc/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMMExLRjhnR1NWSmc/view?usp=sharing</a>
<b>Autora:</b>	Temple Grandin.
<b>Referência:</b>	GRANDIN, Temple. Uma menina estranha. São Paulo:



**Atividade para Orientação de Leitura:**

Referência:

GRANDIN, Temple. Uma menina estranha. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<b>1</b>	De acordo com o texto, como Temple superou sua deficiência?	
<b>2</b>	Temple relata que seu pensamento é diferente das pessoas sem autismo. Como funciona seu pensamento?	
<b>3</b>	O que significava os gritos no caso de Temple?	
<b>4</b>	Qual exame revelou anormalidade no cerebelo de Temple Grandin?	
<b>5</b>	Os problemas da fala, segundo Temple podem estar relacionado a quais fatores?	
<b>6</b>	Quais são as dificuldades de Temple em relação à audição?	

7	Por que Temple sentiu necessidade de construir uma máquina de compressão?	
---	---	--

### Atividade 3 : Apresentação do Filme: “Temple Grandin”.

<b>Ficha Técnica do filme</b>	
	
Disponível em: <a href="https://www.google.com.br/search?q=filme+da+temple+grandin&amp;biw=1366&amp;bih=638&amp;source=lnms&amp;tbn=isch&amp;sa=X&amp;sqi=2&amp;ved=0ahUKEwilqN-nz4fQAhXDQpAKHQ_SB40Q_AUIBygC#imgsrc=6ADhDqrHA-WhLM%3A">https://www.google.com.br/search?q=filme+da+temple+grandin&amp;biw=1366&amp;bih=638&amp;source=lnms&amp;tbn=isch&amp;sa=X&amp;sqi=2&amp;ved=0ahUKEwilqN-nz4fQAhXDQpAKHQ_SB40Q_AUIBygC#imgsrc=6ADhDqrHA-WhLM%3A</a>	
<b>Título no Brasil:</b> Temple Grandin	
<b>Nacionalidade:</b> EUA	
<b>Direção:</b> Mick Jackson	
<b>Duração:</b> 1; 03	
<b>Gênero:</b> Biográfico, Drama.	
<b>Ano de Lançamento:</b> 2010	
<b>Sinopse:</b> Filme biográfico sobre Temple Grandin, uma mulher com autismo que revolucionou as práticas para o tratamento racional de animais em fazendas e abatedouros. Visitando a fazenda de tia Ann no Arizona em 1966, Temple inicia seu primeiro contato com animais, que influenciaram sua vida e carreira. A jaula para prender bovinos a inspirou na construção de um aparelho para si própria para refugiar-se de seus frequentes ataques de pânico. Sua mãe Eustácia, mesmo com a recomendação médica de interná-la em uma instituição psiquiátrica, insiste em	

proporcionar-lhe educação formal. Em uma escola para crianças superdotadas, é encorajada por seu professor de Ciências, o Dr. Carlock. Este percebe seu talento em “pensar em imagens e conectá-las”, e a incentiva a prosseguir sua educação em uma universidade.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Temple\\_Grandin\\_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Temple_Grandin_(filme))

### **Roteiro para análise e reflexões sobre filme.**

- 1- As intervenções realizadas no ambiente familiar favoreceram o desenvolvimento de Temple Grandin ainda na fase infantil?
- 2- As intervenções ajudaram Temple a perceber as regras sociais, que para ela não eram percebidas, condições próprias das pessoas com Transtornos do Espectro Autista?
- 3- Temple teve alguma dificuldade ao ingressar na escola? Quais foram as oportunidades oferecidas para Temple Grandin, no processo de inclusão escolar?
- 4- Na escola algum professor incentivou Temple a prosseguir os estudos, acreditando em seu potencial, mesmo com limites próprios dos Transtornos do Espectro Autista?
- 5- Sua forma diferente de ver a realidade contribuiu com o mundo a sua volta?
- 6- Por escrito: Faça uma apreciação do filme.

**Atividade 5:** Apresentação de Palestra por meio de vídeo.

### **Roteiro para análise do vídeo e produção escrita:**

- 1- De acordo com a palestra de Temple Grandin: O cérebro da pessoa com Transtornos do Espectro Autista se diferencia das pessoas neurotípicas (sem autismo)?
- 2- Existem vantagens nas diferentes mentes das pessoas com Transtornos do Espectro Autista?
- 3- Para Temple Grandin o mundo precisa de todos os tipos de mente. Quais as razões, segundo seu ponto de vista?
- 4- Quais os apontamentos ela faz aos professores, em relação aos alunos com autismo?

<b>Título do vídeo:</b> <b>Palestra</b>	“O mundo necessita de todos os tipos de mente”.
<b>Palestrante:</b>	Temple Grandin.
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.ted.com/talks/temple_grandin_the_world_needs_all_kinds_of_minds?language=pt-br">https://www.ted.com/talks/temple_grandin_the_world_needs_all_kinds_of_minds?language=pt-br</a>
<b>Acesso em:</b>	31/10/2016.
<b>Duração:</b>	19: 36.
<b>Comentários:</b>	Temple Grandin, diagnosticada com autismo na infância, explica como a sua mente funciona. Esclarece a especificidade de sua habilidade de "pensar em imagens", que a ajuda a resolver problemas que cérebros neurotípicos (pessoas que não apresentam o TEA) não conseguiriam. Ela traz à tona que o mundo precisa de pessoas com o espectro autista: pensadores visuais, pensadores em padrões, pensadores verbais e todos os tipos de crianças espertas e inteligentes.

**Recursos Materiais:** Filme, notebook e vídeos.

**Avaliação:** Acontecerá pelo envolvimento e participação dos professores participantes desse curso, durante a apresentação de cada recurso visual.

## **QUINTO ENCONTRO**

**Tema: A diferença e a fabricação da exclusão.**

**Objetivos:**

-Propor conhecimentos sobre as diferenças no comportamento, socialização e comunicação da pessoa com Transtornos do Espectro Autista.

-Reconhecer as diferenças existentes com respeito à individualidade de cada sujeito, para possível aceitação nas relações sociais e educacionais;

**Atividade 1: Dinâmica com título: “você me ama?” (FRITZEN, 1987).**

**A condução da dinâmica está descrita no quadro que segue.**

Nessa dinâmica cada participante terá oportunidade de perceber as semelhanças e diferenças entre as pessoas, de acordo com as preferências, necessidades e as características físicas dos participantes.

1. Todos os participantes estão sentados em círculos.
2. O animador não tem cadeira para se sentar.
3. Ao iniciar o jogo o animador dirige-se a um membro do círculo e pergunta:  
- Você me ama?
4. Quem for interrogado deverá responder: - Sim, amo você.
5. E o interrogante perguntará: Por quê?
6. O interrogado responderá: - Porque você usa óculos, por exemplo. (Deverá dizer algo usado pelo interrogante), e aqui supõe - se que usa óculos.
7. No momento em que disser que ama porque ele usa tal coisa, todos aqueles do círculo que usarem tal coisa deverão mudar de lugar, inclusive o animador procurará ocupar uma cadeira.
8. Sempre algum participante ficará sem cadeira.
9. Aquele que ficar sem cadeira, continua o jogo, dirigindo-se a outro participante fazendo-lhe a mesma pergunta: Você me ama?
10. A brincadeira continua enquanto houver motivação.

**Fonte:** FRITZEN, Silvino José. Jogos dirigidos: para grupos, recreação e aulas de educação física. Petrópolis: Vozes, 1987.

**Atividade 2: Apresentação de vídeo: Filme/Documentário.**

**Roteiro para análise.**

- 1- Como as pessoas com TEA percebem a reação e o comportamento dos neurotípicos, diante das limitações e capacidades, e também das estereotípias comuns em quadros de TEA?
- 2- Como reagem as pessoas com TEA ao sofrerem discriminação e preconceito?
- 3-Relate as propostas de atendimento e intervenção apresentadas no documentário.

4- Finalize com uma apreciação sobre o filme/documentário.

<b>Ficha Técnica do filme/Documentário</b>	
<b>Título no Brasil:</b>	O cérebro de Hugo.
<b>Origem:</b>	Francês
<b>Duração:</b>	1: 40: 09
<b>Gênero:</b>	Ficção
<b>Comentário:</b>	<p>“A variabilidade de comportamento observada nos autistas é muito ampla: existem pessoas com pouco interesse na interação social e outras com interesse nessa área, mas que apresentam dificuldade em lidar com as sutilezas das interações sociais complexas. Alguns apresentam estereótipos motores simples e uma preferência por rotina; outros, rituais complexos e elaborados. O acentuado déficit na linguagem pragmática, observado nos autistas que não apresentam fala competente, pode ser de nível médio naqueles com alto grau de funcionamento, ou seja, com Síndrome de Asperger”. (Kajihara, 2012)</p> <p>O documentário “O cérebro de Hugo” apresenta um personagem de ficção, Hugo, interpretando episódios reais da vida de pessoas que apresentam o Transtorno do Espectro do Autismo – TEA. Apresenta também, inúmeros relatos de pessoas que apresentam o TEA. O relato dos sentimentos das pessoas com TEA permite compreender a importância da intervenção no processo de inclusão escolar e social.</p>

**Atividade 3:** Leitura e estudo do texto “O pássaro Pintado”.

Na sequência do trabalho será sugerida a atividade de leitura, na intenção de orientar o leitor para melhor compreensão do texto. Assim deverá responder as questões apresentadas.

O texto está disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUIMX3JDekxHQVdwOVk/view?usp=sharing>

### **ATIVIDADE DE LEITURA**

Para saber mais... Complete o quadro abaixo:

--

SZASZ. Tomas S. A Fabricação da Loucura, um estudo comparativo entre inquisição e o movimento de saúde mental. Rio de Janeiro. Zahar Ed. 1978.

**Epílogo: “O PÁSSARO PINTADO”**

1	Por causa da grande Guerra um garoto, de 6 anos, é colocado sob os cuidados de uma protetora. Quem é essa pessoa?	Respostas:
2	O que houve com a protetora do garoto?	
3	Como é Lekh, o homem que passa a proteger o garoto?	
4	Lekh vive uma paixão com Ludmila. Depois de um período de separação entre eles, Lekh vive momentos raivosos. O que faz Lekh para controlar sua ira?	
5	Quais as reações dos pássaros do bando, frente ao pássaro diferente?	
6	Quais tentativas o pássaro pintado fez para ser reconhecido pelos demais pássaros do bando?	
7	Como aconteceu o ataque ao corvo pintado, visto como diferente de sua espécie?	
8	De acordo com o texto apresentado, como a sociedade mancha seus cidadãos? Qual a relação entre esse texto	

	e essa conduta de manchar os cidadãos, presente na sociedade?	
9	Quais reflexões podem ser suscitadas pela leitura do trecho que se segue? “[...] os psiquiatras tiram a cor de seus pacientes”.	

**Atividade 4:** Discussões sobre o tema abordado no texto: O Pássaro Pintado.

**Recursos Materiais:** Vídeos, data show, notebook, textos e canetas esferográficas.

**Avaliação:** Será conduzida por meio de discussões, de acordo com o conteúdo apresentado, pela análise do vídeo e pelo preenchimento do quadro de atividades de leitura.

## **SEXTO ENCONTRO**

**Tema: Avanços científicos nas pesquisas sobre o TEA / O autismo na perspectiva do autista.**

### **Objetivos:**

-Conhecer as novas descobertas da neurociência sobre Transtornos do Espectro do Autista;

-Oportunizar o conhecimento de como pensam e se organizam as pessoas com TEA;

### **Procedimentos**

**Atividade 1:** Apresentação do vídeo do Dr. Alysson R. Muotri, “Remodelando o Espectro do Autismo com Células-Tronco”.

<b>Título do Vídeo:</b>	<b>“Remodelando o Espectro do Autismo com Células-Tronco”.</b>
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=EWtVae6qpGA">https://www.youtube.com/watch?v=EWtVae6qpGA</a>
<b>Último acesso:</b>	26/10/2016.



<b>Duração:</b>	1: 18: 43
-----------------	-----------

**Comentários:** O biólogo brasileiro e professor da faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, Alysson Renato Muotri, um dos principais nomes no estudo do autismo no mundo?

### **Roteiro para análise do vídeo**

- 1- De acordo com Dr. Alysson Muotri os avanços da neurociência, ou seja, dos estudos e pesquisas sobre o funcionamento do cérebro, apontam para uma esperança no tratamento dos sintomas dos transtornos do espectro autista. Que esperança é essa?
- 2- O comportamento do autista é um produto, resultado do que já aconteceu em seu cérebro, devido alguns fatores. Quais são os fatores que influenciam no comportamento, na fala em todo desenvolvimento da pessoa com TEA?
- 3- Quais as possibilidades para intervir nos sintomas das pessoas com TEA?

**Atividade 2:** Discussão sobre o vídeo: assistido anteriormente.

### **Atividade 3: Dinâmica para leitura:**

Leitura de alguns trechos do livro de Naoki Higashida, “O que me faz pular”. Como autista, ele responde várias perguntas, frequentemente formuladas, referentes ao funcionamento da mente de um autista. Por meio de uma dinâmica pedagógica serão distribuídas as perguntas e respostas para cada professor participante deste curso, com o objetivo de conhecer os relatos do autor do livro. Seguem exemplos apresentados pelo autor do texto:

**Pergunta:** Por que os autistas fazem as mesmas perguntas ao mesmo tempo?

**Resposta do autor:** É que esqueço muito rápido o que acabo de ouvir. Dentro da minha cabeça não existe grande diferença entre o que me disseram agora mesmo e o que ouvi muito tempo atrás. Então, apesar de compreender as coisas, meu modo de me lembrar delas é muito diferente do de qualquer outra pessoa. Imagino que a memória de alguém normal seja ordenada de forma contínua, como uma fila. A minha seria mais como uma piscina de bolinhas. Sempre tento “pegar” essas

bolinhas-fazendo perguntas-para chegar até a lembrança que elas representam. (HIGASHIDA, 2014, p. 31)

**Pergunta:** (Referente ao isolamento). Você prefere ficar só?

**Resposta do autor:** Não posso acreditar que qualquer ser humano deseje mesmo ser deixado só. De forma alguma. O que incomoda as pessoas com autismo é que nós ficamos muito ansiosos com o fato de causar problemas para vocês e deixa-los nervosos. Por isso é difícil para nós ficar perto de outras pessoas. E esse é o motivo para sermos deixados sozinhos com tanta frequência (HIGASHIDA, 2014, P. 55).

**Pergunta:** Por que você não consegue ter uma conversa normal?

**Resposta do autor:** Há muito tempo venho me perguntando por que nós que temos autismo não conseguimos falar de fora correta. Eu nunca consigo dizer o que quero de verdade. Ao contrário, palavras que não têm nada a ver com nada escapam da minha boca. Isso costumava me deixar bem deprimido, e eu não conseguia deixar de ter inveja dos que podem falar sem o menor esforço. Nossos sentimentos são iguais aos de todo mundo, Só não conseguimos encontrar uma forma de expressá-los. Não temos nem mesmo controle sobre nosso próprio corpo. Tanto ficar quieto quanto se mover quando nos é pedido é um desafio [...] (HIGASHIDA, 2014, P. 47).

**Pergunta:** É verdade que você detesta ser tocado?

**Resposta do autor:** Eu não tenho nenhum problema específico com o contato físico, mas, com certeza, algumas pessoas autistas não suportam ser abraçadas ou tocadas. Para ser honesto, não tenho ideia do motivo – imagino que isso deve deixa-las desconfortáveis. Mesmo a diferença na maneira de se vestir de acordo com a estação, usando mais roupas no inverno e menos no verão, pode ser uma grande dificuldade para pessoas com problemas táteis. Não é fácil para nós agir de forma adequada às mudanças de situação (HIGASHIDA, 2014, P. 63).

**Pergunta:** Por que você se incomoda tanto quando comete pequenos erros?

**Resposta do autor:** Quando percebo que fiz algo errado, minha mente trava. Eu choro, grito, faço um escândalo e não consigo mais pensar em nada com clareza. Não importa que o erro tenha sido pequeno; para mim é uma catástrofe, como se o céu e a Terra tivessem trocado de lugar. Por exemplo, quando encho um copo com água, não suporto derramar uma gota sequer.

Deve ser difícil para vocês entender por que isso pode me deixar tão infeliz.

Eu mesmo não sei bem, apesar de ter consciência de que não é nada de mais. Mas controlar minhas emoções em tais situações é quase impossível para mim (HIGASHIDA, 2014, P. 72).

**Pergunta:** Qual a pior coisa de ser autista?

**Resposta do autor:** Vocês não percebem. O fato é que vocês não fazem ideia de como nos sentimos mal. As pessoas que cuidam de nós podem até dizer: “Quer saber? Tomar conta desses garotos é um trabalho muito difícil!” Mas ninguém sabe quanto nós – que estamos sempre causando problemas e somos inúteis em quase tudo que tentamos fazer – nos sentimos culpados e infelizes.

Cada vez que fazemos algo errado, levamos uma bronca ou somos ridicularizados, sem que a gente consiga ao menos pedir desculpas. E acabamos nos odiando e nos desesperando. E isso sempre volta a acontecer, de novo e de novo. É impossível não se perguntar o motivo de termos vindo a este mundo como seres humanos (HIGASHIDA, 2014, P. 81).

**Pergunta:** Por que você pula?

**Resposta do autor:** O que acham que estou sentindo quando fico pulando sem parar e batendo palmas? Aposto que nesses casos vocês acreditam que eu não estou sentindo nada além do brilho maníaco de alegria no meu rosto.

Mas, quando pulo, é como se meus sentimentos rumassem em direção ao céu. Na verdade, minha necessidade de ser engolido pela imensidão lá em cima é suficiente para estremecer meu coração. Quando estou pulando, posso sentir melhor as partes do meu corpo – as pernas saltando, as mãos batendo e isso me faz muito, muito bem.

Esse é um motivo, e existe outro que descobri há pouco tempo. Pessoas com autismo têm reações físicas aos sentimentos de alegria e tristeza (HIGASHIDA, 2014, P. 87).

**Pergunta:** Quando você olha para alguma coisa, o que vê primeiro?

**Resposta do autor:** Como as pessoas com autismo veem o mundo? Essa pergunta nós, e somente nós, podemos responder! ÀS vezes eu tenho pena de vocês por não poderem enxergar a beleza do que nos cerca da mesma forma que a gente. O fato é que a nossa visão do mundo pode ser incrível, simplesmente incrível...

Vocês podem até dizer: “Mas os olhos, que todos nós usamos para ver,

funcionam da mesma maneira, certo”? Pois muito bem, talvez vocês estejam olhando para as mesmíssimas coisas que nós, só que a maneira que as percebemos é diferente. Sei que, quando olham para um objeto, o que veem de imediato é a coisa por inteiro, e só depois vão reparando nos detalhes. Para os autistas, são os detalhes que pulam em nossa frente, e depois pouco a pouco a imagem inteira vai se formando aos nossos olhos (HIGASHIDA, 2014, P. 103).

**Pergunta:** Você tem noção do tempo?

**Resposta do autor:** O tempo é algo constante sem limites claros, os que o torna bastante confuso para as pessoas com autismo. Talvez vocês fiquem um tanto perplexos com o fato de os intervalos e a velocidade do tempo serem muito difíceis de medir para nós e por que ele nos parece uma coisa escorregadia demais (HIGASHIDA, 2014, P. 107).

**Pergunta:** Por que você sempre arruma seus brinquedos em fileiras?

**Resposta do autor:** Enfileirar as coisas é uma diversão. Ver a água correr também é muito legal. Outras crianças costumam gostar de brincadeiras de imaginação e faz de conta, mas um autista não consegue ver graça nisso.

O que me importa – e, na verdade, me deixa bastante obsessivo – é em que ordem as coisas estão e as diferentes formas de alinhá-las. O que adoramos mesmo são as linhas e superfícies dos quebra-cabeças. Coisas desse tipo nos fascinam. Quando brincamos assim, sentimos nosso cérebro centrado e revigorado (HIGASHIDA, 2014, P. 115).

**Sugestão de leitura: segue a referência bibliográfica, caso alguém queira conhecer a obra completa desse pequeno escritor:**

HIGASHIDA, Naoki. **O que me faz pular**. I Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

**Atividade 4:** Apresentação de vídeo:

Serão apresentados três vídeos que retratam a diferença, exclusão e inclusão. Os dois primeiros vídeos são bem curtos e mostram como ocorre a exclusão e também a inclusão. O terceiro vídeo demonstra formas geométricas em vários espaços, sendo que uma dessas formas não se encaixa em alguns grupos em razão de suas diferenças. Por outro lado, retrata quando a forma geométrica excluída se torna incluída por outras formas, mesmo apresentando diversas diferenças. Suas cores, tamanhos, formas, detalhes como pontilhados e traçados.

<b>Título do vídeo</b>	: “Convivendo com as Diferenças”.
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=XR8CqfqfKDs">https://www.youtube.com/watch?v=XR8CqfqfKDs</a>
Acesso em:	22/09/2016.
Duração:	14: 38
Editado e formatado pelo:	Professor Agenor Meireles

**Atividade domiciliar:** Leitura de excertos de uma monografia redigida por uma graduanda com TEA.

<b>Texto:</b>	Relato de Experiências.
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMU3piQ2pTVEs5OGs/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMU3piQ2pTVEs5OGs/view?usp=sharing</a>
<b>Elaboração:</b>	Professora PDE Vera Lucia Toniol.
<b>Referência:</b>	SILVA, G. C. Memórias de Sofia: Vínculos perdidos, eles desfeitos, como recuperar a autoestima, a afetividade e a aprendizagem? 2014. 68 f. Monografia do curso de Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

**Recursos Materiais:** Data show, vídeos, trechos do texto de Higashida, como perguntas e respostas e caixinha para a entrega dos trechos do texto.

**Avaliação:** Ocorrerá durante o desenvolvimento do encontro, mediante o envolvimento dos participantes.

## **SÉTIMO ENCONTRO**

**Tema: Metodologias de intervenção pedagógica para inclusão escolar/ O autista na escola – a trajetória acadêmica de uma pedagoga autista.**

**Objetivos:**

- Conhecer os métodos de intervenção para os alunos com Transtornos do Espectro Autista;
- Identificar as consequências pela falta do diagnóstico precoce e da intervenção familiar e escolar na vida das pessoas com TEA;

### **Procedimentos**

**Atividade 1 : Tema palestra:** Metodologias para intervenções com pessoas com autismo.

**Palestrante:** Fernanda Santos de Castro.

### **Conteúdo:**

- Análise do Comportamento: Discrete Trial Treatment (DTT), Applied Behavioral Analysis (ABA), Reciprocal Imitation Training (RIT), Pivotal Response Training (PRT)
- Picture Exchange Communication System (PECS)
- Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA)
- Integração sensorial
- Son-Rise
- Musicoterapia

**Atividade 2 :** Discussão das principais considerações sobre, a leitura do texto: “Relatos de Experiências”, como atividade domiciliar do encontro anterior.

<b>Texto:</b>	Relato de Experiências.
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMU3piQ2pTVEs5OGs/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMU3piQ2pTVEs5OGs/view?usp=sharing</a>
<b>Elaboração:</b>	Professora PDE Vera Lucia Toniol.
<b>Referência:</b>	SILVA, G. C. Memórias de Sofia: Vínculos perdidos, elos desfeitos, como recuperar a autoestima, a afetividade e a aprendizagem? 2014. 68 f. Monografia do curso de Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

### **Discussão do texto:**

- 1- De acordo com os estudos sobre os Transtornos do Espectro Autista, as intervenções no tratamento dos alunos em questão devem ocorrer desde a infância. Quais as consequências ocorreram na vida de Sofia, pela ausência de intervenções adequadas?
- 2- No ambiente escolar, as relações sociais não ocorreram da melhor maneira para a aluna Sofia, ocasionando as dificuldades em estabelecer e manter os vínculos afetivos, por quais motivos?
- 3- Sabemos que o diagnóstico precoce é fundamental para o desenvolvimento da criança com TEA. No caso de Sofia o que faltou para família compreender que se tratava de um caso especial no comportamento de sua filha?

**Atividade 3: Produção escrita :** Reflexões sobre o olhar diferente aos alunos com TEA e as possíveis práticas pedagógicas, de acordo com as considerações do texto e palestra sobre as Metodologias de intervenções para os alunos em questão.

- Refletir sobre a ausência da intervenção no processo de inclusão escolar dos alunos com TEA.

**Atividade 4:** Apresentação da Poesia escrita pela graduanda diagnosticada já adulta com Transtornos do Espectro Autista. Essa poesia foi escrita como cumprimento de trabalho acadêmico durante o curso de pedagogia. Uma das suas dificuldades estava na comunicação verbal, então elaborou essa poesia utilizando recurso audiovisual.

Vídeo da Poesia:	Estágio impulsivo emocional 2.
Autora:	SILVA, G. C.
Disponível em:	<a href="https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMRTdTNW1iSkQ0TE0/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMRTdTNW1iSkQ0TE0/view?usp=sharing</a>
<b>Duração:</b>	2: 10

**Recursos Materiais:** Textos, canetas esferográficas, notebook e data show.

**Avaliação:** Acontecerá de acordo com a participação e atenção sobre o tema discutido neste encontro. Fazendo um paralelo sobre as intervenções possíveis e a falta dessas no processo de inclusão escolar dos alunos com TEA.

## OITAVO ENCONTRO

**Tema: A diferença e a superação da exclusão: por uma vida social para o sujeito autista.**

**Objetivos:** Conhecer as formas de superação da exclusão, em relatos de pessoa com TEA.

### **Procedimentos**

**Atividade 1 :** Apresentação de vídeo: Entrevista com Nicolas Brito Sales e o pesquisador Dr. Alysson Muotri. Nicolas com 16 anos de idade, fala sobre o autismo e Dr. Alysson, Biólogo, cientista pesquisador do autismo, conversam sobre suas realidades de vida.

### **Roteiro para análise do vídeo**

- 1- Quem pode favorecer experiências positivas na vida de alunos com TEA?
- 2- Na escola, quais atitudes e ações podem contribuir para o relacionamento social do aluno com TEA?
- 3- De acordo com Nicolas existem pontos negativos em ter o Transtorno do Espectro Autista?

<b>Título do Vídeo:</b>	Entrevista a Tismoo, com Nicolas Brito Sales e Alysson Muotri.
<b>Disponível em:</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=NJjzbT7QHaE">https://www.youtube.com/watch?v=NJjzbT7QHaE</a>
<b>Acesso em:</b>	01/11/2016.
<b>Duração:</b>	35: 33
<b>Criado por:</b>	Anita Brito

**Atividade 3 :** Dinâmica: Inclusão X Exclusão.



Nessa dinâmica o participante terá a oportunidade de observar qual seu perfil, analisando cada questão discutida frente à inclusão e exclusão. Essa análise permitirá refletir sobre sua postura e atitudes referentes aos alunos da educação especial com necessidades educativas especiais. A presente dinâmica está disponível no endereço a seguir.

<https://drive.google.com/file/d/0BxxlknUdGUiMc25uYWtZSIFuU2M/view?usp=sharing>

**Atividade 4:** Apresentação de Poesia: “**Na minha escola todo mundo é igual**”.

Essa atividade propõe-se aos participantes que reflitam sobre uma literatura que aborda o tema inclusão. A atividade envolve a observação de ilustrações que retratam a realidade escolar e a vivência da inclusão escolar dos alunos com deficiências.

**Apresentação da poesia em vídeo.**

O vídeo empregado nessa atividade foi criado para fins didáticos pelas autoras: Rossana Ramos e Priscila Sanson.

Título do Vídeo:	“ <b>Na minha escola todo mundo é igual</b> ”.
Autoras:	Rossana Ramos e Priscila Sanson.
Disponível em:	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=EIQdWrkOCZk">https://www.youtube.com/watch?v=EIQdWrkOCZk</a>
Acesso em:	10/12/2016
Duração:	2: 37

**Atividade 5:** Encerramento: Comentários e agradecimentos a todos participantes agentes, professores, equipe pedagógica e diretiva.

**Recursos Materiais:** Sulfites, canetas esferográficas, vídeo, Datashow, notebook e pendrives.

**Avaliação:** Ocorrerá de acordo com a participação e realização das solicitações para análise do filme.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTISMO. São Paulo: On Line, 2016.

BIASÃO, M. C. R. Transtorno do espectro autista (TEA). In: MORI, N. N. R.; CERZUELA, C. (Org.). **Transtornos globais do desenvolvimento e inclusão: aspectos históricos, clínicos e educacionais**. Maringá: Eduem, 2014, p. 118.

BRASIL. **Constituição da república federativa do brasil**. 1998.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. **Diário oficial [da] república federativa do brasil**. Brasília, DF, 04 abr.2013. Seção 1, p.1.

BREVE Trajetória da Educação Especial no Mundo e no Brasil. Vídeo produzido para a disciplina de Educação Especial do curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense. Campus Camboriú, 2013. 6': 47". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mpoE9pCGOR4>>. Acesso em: 31 de outubro de 2016.

BRITES, Clay. **Autismo: Transtorno do espectro autista/aspectos básicos**. 2015. 1: 37': 50". Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VzAlj6DPhGg>>. Acesso em 20/10/2016.

CAVIEDES, Miguel. Dinâmicas de Grupo. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

COMO funciona o cérebro da pessoa com autismo? Autismo. Apoio. e. Desabafos. 2014. 5': 53" Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t7i5LzSuCCY>> Acesso em: 07 de novembro de 2016.

CONVIVENDO com as Diferenças. Professor Agenor Meireles. 2013. 14': 38". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XR8CqfKDs>>. Acesso em: 22 de setembro de 2016.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

ENTREVISTA a Tismoo, com Nicolas Brito Sales e Alysson Muotri. Anita Brito. 2015. 35': 33". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NJjzbT7QHaE>>. Acesso em: 01 de novembro de 2016.

FRITZEN, Silvino José. **Jogos dirigidos: para grupos, recreação e aulas de educação física**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALUCH, M. T. B. ; PEREIRA, T. M. dos A. **O garoto selvagem: a importância das relações sociais e da educação no processo de desenvolvimento humano**. Perspectiva, Florianópolis, v. 30, n. 2, 553-571, maio/ago. 2012.

GOES, M. C. R. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T. R.

(Org.). **Psicologia, educação e as tendências da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

GRANDIN, Temple. **Uma menina estranha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HIGASHIDA, Naoki. **O que me faz pular**. I Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

JACOBSEN, K.; MORI, R. R.; CEREZUELA, C. O Direito do Atendimento Educacional Especializado à pessoa com Transtornos Globais do Desenvolvimento. In: MORI, N. N. R.; CEREZUELA, C. (Org.). **Transtornos globais do desenvolvimento e inclusão: aspectos históricos, clínicos e educacionais**. Maringá: Eduem, 2014, p. 47.

KAJIHARA, O.T. 1943-2013: Setenta anos de pesquisas sobre o autismo. In: MORI, N. N. R.; CEREZUELA, C. (Org.). **Transtornos globais do desenvolvimento e inclusão: Aspectos Históricos, Clínicos e Educacionais**. Maringá: Eduem, 2014, p. 23.

\_\_\_\_\_ Neuropsicologia do autismo. In: RIBEIRO, Maria Julia Et al. **Tópicos especiais em educação: reflexões e práticas**. Maringá: Eduem, 2012.

MAZZOTTA, Marcos J. S.; **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NA minha escola todo mundo é igual. Rossana Ramos e Priscila Sanson. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aSwdAWkLGmM>>. Acesso em: 2' : 37"

O cérebro de Hugo. França. Marcelo Lima. 2015. 1: 40': 09". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PKhS4WIG234>> Acesso em:

O mundo necessita de todos os tipos de mente. 2010. 19' : 36". Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/temple\\_grandin\\_the\\_world\\_needs\\_all\\_kinds\\_of\\_minds?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/temple_grandin_the_world_needs_all_kinds_of_minds?language=pt-br)>. Acesso em: 31 de outubro de 2016.

ONU. **Declaração universal dos direitos humanos**. 1948. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/declaracao/>>. Acesso em 24/06/2016.

PARANÁ. **Instrução nº 004 de 07 de fevereiro de 2012**. Assunto: critérios para socialização de professor de apoio educacional especializado na área dos Transtornos Globais do Desenvolvimento na Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos. PARANÁ; SUEDE/SEED, 2012.

PESSOTTI, Isaías. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

REMODELANDO o Espectro do Autismo com Células-Tronco. 1: 18': 43" Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EWtVae6qpGA>>. Acesso em: 26 de outubro de 2016.

REPÚBLICA, Presidência da. **Lei nº 12.764 de 28 de dezembro**. Disponível em: <<https://dl.dropboxusercontent.com/u/58159330/Back%20Ups%20do%20Site/LEI%20BERENICE%20PIANA.pdf>>. Acesso: em 21/10/2016.

REPÚBLICA, Presidência da. **Lei nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)> Acesso: em 21/10/2016.

REPÚBLICA, Presidência da. **Decreto 7611/2011**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm)> Acesso: em 21/10/2016.

SACKS, Oliver. Um astronauta em Marte. São Paulo: Schwarcz, 1995.

SANDER, M. E.; CAMPOS, R. A. O. Trabalho em rede: um bem-estar ao aluno com tgd In: MORI, N. N. R.; CEREZUELA, C. (Org.). **Transtornos globais do desenvolvimento e inclusão**: aspectos históricos, clínicos e educacionais. Maringá: Eduem, 2014, p. 53.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Disponível em: <<https://direitounitri.wordpress.com/materias/introducao-ao-direito/metodologia-do-trabalho-cientifico/>>. Acesso em 18/10/2016.

SILVA, Gisleine Cristina da. **Memórias de Sofia**: Vínculos perdidos, elos desfeitos, como recuperar a autoestima, a afetividade e a aprendizagem? 2014. 68 f. Monografia do curso de Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

SILVA, Maria do Carmo Bezerra de Lima. **Escolarização da criança com autismo: considerações de uma professora sobre a aprendizagem e o desenvolvimento na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural**. 2015. 239 f. Tese de mestrado em Psicologia Área de concentração. Constituição do Sujeito e Historicidade, do Centro de Ciências humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2015.

SZASZ. Tomas S. **A Fabricação da Loucura, um estudo comparativo entre inquisição e o movimento de saúde mental**. Rio de Janeiro. Zahar Ed. 1978

